CINEARTE

STAN OLIVER na sua ultima comedia.

Ruth Roland, e Mrs. George Grillin, a celebre avó de Bebe Daniels.

Pauline Markham, o grande successo de 1870, a mulher de mais "it" daquelles tempos. Foi a estrella de uma peça que Raquel Torres vae agora fazer para o Cinema.

Rosita Moreno aos sete annos de edade quando era Viela Victoria e fez a sua estréa profissional em Buenos Aires.

WILLIAM BOYD.

ASSUMPTOS ha a que voltamos obrigados, mas sempre com extrema repugnancia O de hoje é um delles.

Sabe toda gente, sabem os nossos leitores, que aos milhares se contam pelo Brasil inteiro, e sabem principalmente os representantes dos productores de films e mais os exhibidores, que esta revista, desde quando era ainda um simples appendice de "Para Todos...", jamais se orientou pelos interesses de balcão. Sua absoluta, completa, integral independencia em materia de critica jamais foi abalada, modificada pela maior ou menor quantidade de materia paga, porventura trazida ao nosso balcão. Não carecemos, nunca carecemos de subvenções para viver. A materia paga das empresas cinematographicas não daria para as nossas despesas de um mez.

Essas verdades têm sido aqui repetidas vezes ditas. Parece, porém, que é mister de quando em quando repetil-as porque ha muito surdo de conveniencia entre a gente de cinema.

Desde que começámos a interessar-nos por cousas do cinema temos sido os maiores defensores desse genero de diversão. Temos sempre procurado defender os interesses do publico, que faz viver os cinemas, sem prejudicar os dos exhibidores, muito antes pelo contrario, sempre auxiliando-os, amparando-lhes as iniciativas uteis, meritorias.

As nossas campanhas, victoriosas todas, ahi estão para demonstrar isso que affirmamos.

Ainda mais. O film americano quando era hostilisado pela generalidade da imprensa, saudosa das producções francezas e italianas, dinamarquezas e suecas nem uma defesa encontrou mais desinteressada e convencida do que a que por nossas columnas se fazia.

Ahi estão as nossas collecções e melhor do que ellas a memoria do publico que nos não deixa mentir e felizmente nos faz justiça.

Mas para que tudo isso? A que vêm taes explicações? indagarão os nossos leitores.

Lá chegaremos.

E como estamos dispostos a exgottar o assumpto, enterrando-o por uma vez, possivel é que nos vejamos forçados, muito a contra gosto embora, a insistir em mais de um artigo.

E isso até catar, expurgar uns parasitas suspeitos que, agarrados ao cinema, ao passo que lhe vão sugando os humores, dejectam cá para fóra com grave damno para a saude publica os productos de suas digestões ou antes indigestões cerebraes sob a forma de artigos (que outros escrevem) de opiniões (que arrebanham em leituras apressadas) e principalmente de intriguinhas aos ouvidos ou manifestações na sociedade de classe.

Ah! a sociedade de classe!

Dizem as gentes de cinema que essa Associação é util porque serve de defesa aos locadores de films que já não mais se vêem como outr'ora ameaçados de constantes fintas por parte de freguezes pouco serios.

Se é para esse fim que se organizou a Associação, se foi esse o motivo, isso prova apenas a ausencia de qualquer principio de ethica commercial entre os que fazem profissão de alugar films por conta propria ou de terceiro.

E parece que afinal essa é a verdade porque ninguem sabe da existencia dessa Associação de classe.

Quando os grandes interesses do cinema o exigem jamais ella se pronuncia.

Ha dias ainda, falando a proposito da censura extranhámos essa indifferença da Associação, como já temos extranhado varias vezes a proposito de outros assumptos.

A Associação existe.

Reune-se de vez em vez.

Quando um dos muitos idiotas, que infelizmente existem na classe, entende de ejacular um bestialogico contra os criticos cinematographicos, apparece na certa na sessão mensal e diz as suas bobagens com extraordinaria gravidade.

Ha sempre algum outro bobo que dá apoiados.

Un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire.

Os mais escutam a peça oratoria com paciencia, pachorra mesmo, considerando que isso de ouvir sandices constitue os ossos do officio.

E no fim o orador senta-se e passa a enxugar o suor, cansado pelo calor, pela inspiração e ás vezes por outros agentes thermicos que affirmam passarinho não bebe.

Ha palmas de satisfação na assistencia.

O orador é vivamente cumprimentado.

E a reunião dissolve-se, sahindo o heroe convicto de haver feito um papelão e achatado a critica entre aquellas quatro paredes.

Mas... deixemos o resto para o numero a seguir. Este assumpto parece prometter...

Cinema do

CARLOS EUGENIO é uma nova, mas das mais promisoras figuras do nosso Cinema. Já figurou em "LABIOS SEM BEIJOS" e tem um dos principaes papeis de "MULHER" da CINÉDIA. Natural do Estado do Paraná.

CARMEN VIOLETA E MAXIMO SERRANO NUMA SCENA DE "MULHER" DA CINÉDIA.

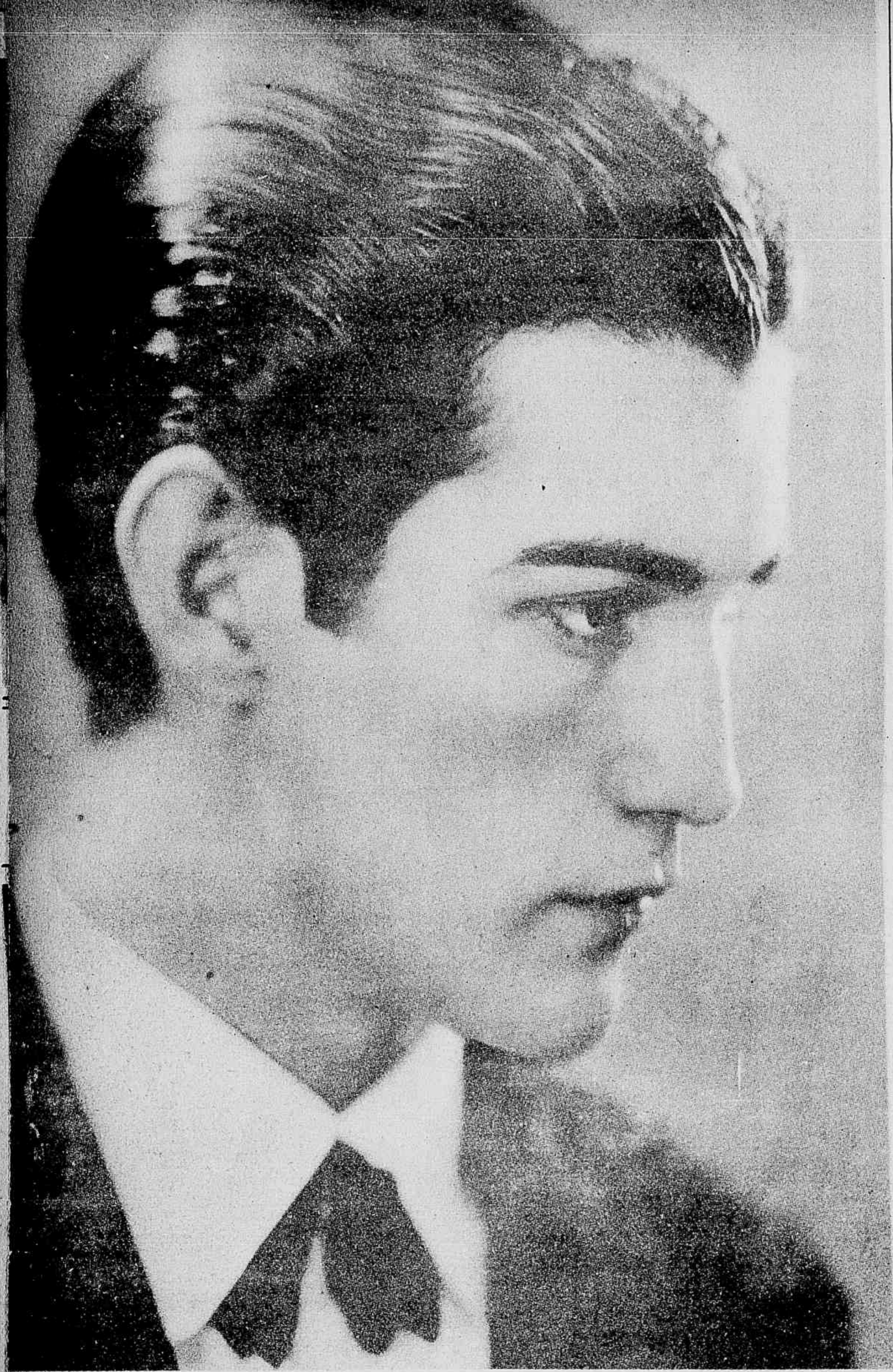
CLEO DE VERBERENA

Brasil

ESTELLA MARION, ESTRELLA DE "MOCIDADE INCONSCIENTE" DA GLORIA FILM DE SÃO PAULO.

RONALDO DE ALENCAR É O GALÃ DE "IRACEMA" DA METROPOLE FILM.

FIGURANTES DO FILM "AS ARMAS" DA CRUZEIRO DO SUL FILM, DE SÃO PAULO.

Ernani, o

um Cinema da Avenida. A historia era simples. O seu papel era quasi aquillo mesmo que elle era: sentimental, quieto, sem expressões, vivendo quasi só de olhares. Desfez-se a impressão da photographia, desappareceu a impressão de imitação. Tornou-se sympathico. Tornou-se agradavel. Não conseguimos mais perdel-o de vista. Era um elemento realmente sincero.

* * *

Ernani Augusto, esse do qual falamos, está agora de novo no elenco de um film. **Mulhér...** apresental-o-á num papel curto, mas agradavel. Uma opportunidade de apenas de lhe dar um papel e não desperdiçar a sua boa vontade. Suas opiniões ainda não tinham sido ouvidas. Apanhámol-o de improviso, chamámol-o de banda e lhe fizemos muitas perguntas. Em algumas elle parou, pensou, depois disse, temendo molestar:

— E' melhor não dizer nada...

Em outras elle foi franco, sincero, expandiu-se á vontade. Na **Cinédia**, da qual elle agora faz parte, é um dos poucos elementos que não commenta nada e prefere ouvir. Talvez isto seja defeito. Talvez qualidade...

Achamos que elle é o caçula, porque o seu typo e a sua idade lembram esses irmãos mais moços, esses ultimos filhos que são a felicidade de uma velhice e o esteio de um coração de pae. Ernani é extremamente simples, extremamente distincto. Falou com sobriedade, fugiu de falar de assumptos que achou perigosos, dos outros falou com segurança. E' espontaneamente modesto. Não estuda attitudes.

Uma vez vimos uma photographia de Gilbert Roland. Cabellos crescidos, quasi em cima das orelhas; collarinho semi-aberto; gravata de laço largo, sem apertar. Gostámos da photographia. Não pelo collarinho, nem pelos cabellos, muito menos pela gravata.

E depois, pela Avenida, quasi sempre sem chapeu, passámos a ver um rapaz magro, alto, olhar triste, qhysionomia de linhas rectas, lembrando Gilbert Roland daquella photographia: o mesmo cabello, o mesmo estylo de collarinho e de gravata. Era visivel a imitação. Continuámos a gostar do original. A imitação. era apenas um rapaz que costumavamos ver na Avenida, todos os dias, sempre serio, sempre triste, apparentemente com uma preoccupação sem fim...

* * *

Passaram-se mezes. Foi-nos apresentado. Era distincto, delicado, modesto e quieto. Não se excedia nos commentarios. Não commentava, mesmo. E, mais tarde, quando um dia elle falou, pois geralmente não falava, soubemos que tinha uma vontade louca de entrar para o Cinema do Brasil e outra de ser victorioso dentro delle.

* * *

Novos mezes. Mais de um anno. Vimol-o na tela de

Ernani, Carlos Eugenio e Celso Montenegro numa scena de "Mulher" da Cinédia.

Não citamos as perguntas que lhe fizemos. As suas respostas serão mais do que sufficientes para fazel-as comprehender.

* * *

Nasci a 23 de Março de 1911. Estive muito tempo na Europa, principalmente na Hespanha, onde frequentei, mesmo, es-

Caçula

colas superiores de Madrid. Depois voltei. Os motivos de minha viagem, foram meus paes: elle hespanhol, ella, portugueza.

Quando cheguei, não pensava em ser artista de Cinema ou de theatro. Gostava immensamente de Cinema, sim, mas a minha unica preoccupação ainda eram soldados de chumbo ou bonecos de panno...

A primeira vez que me interessei pelo Cinema de minha terra, foi quando assisti **Barro Humano.** Foi o primeiro film Brasileiro que mostrou Cinema de verdade e foi depois delle que me interessei pela possibilidade de vir a ser um dos seus artistas.

O primeiro passo que dei em favor de mim proprio, foi mandando uma das minhas photographias para **CINEARTE,** como **fan,** apenas e não como candidato. Ella, lembro-me bem pelo regosijo que me deu, teve sua publicação na **Pagina do Leitores.**

Em Março de 1930, o productor de **Meu Primeiro Amor,** tendo visto algumas de minhas photographias tiradas no profissional De los Rios, interessou-se pelo meu typo e procurou conhecer-me para me entregar o papel que achava adaptado á minha personalidade no film que tencionava começar.

Milton Marinho, a quem devo minha entrada para o Cinema do Brasil, meu melhor amigo, aliás, foi quem me apresentou ao referido productor e assim entabolámos a nossa primeira conversa, aquella que me collocaria para sempre, talvez, na arte que mais admiro e mais preso.

A minha primeira scena, nesse film, foi aquella em que me encontro com a **estrella** do film Gloria Santos no Passeio Publico. Não soffri nervoso algum e nem commoção alguma. Fiz tudo perfeitamente calmo.

A minha scena predilecta, nesse film, é aquella final, quando faço o sacrificio de minha felicidade em pról de meu irmão. Aliás, diga-se, na projecção esta scena foi muito **prejudicada pelo exhibidor que,** com tempo certo para o programma, em vez de cortar o film americano que juntamente com o nosso se exhibia, preferiu arrumar a tesoura no Brasileiro...

Acho Claudio Novarro a figura melhor do film.

Depois de **Meu Primeiro Amor,** a minha maior vontade foi ingressar para a **Cinédia.** Sabia, perfeitamente, que nella poderia encarreirar-me na arte que escolhi para amparar meus sonhos e foi por isso que tudo fiz para conseguir esse fim. Agora que a ella pertenço, felizmente, garanto que della não me afastarei.

O film Brasileiro que mais apreciei?... Não foi um só. **Labios sem Beijos,** pela sua technica, acho-o o melhor. **Barro Humano,** pelo conjuncto, principalmente pela direcção, outro dos nossos orgulhos

O director Brasileiro que mais aprecio é Adhemar Gonzaga. Tambem aprecio os meritos de Humberto Mauro cujos films tambem tenho assistido.

Milton Marinho, na minha opinião, é o melhor typo masculino do nosso Cinema.

Prefiro, para interpretar, os papeis á la Richard Barthelmess ou Charles Farrell. Films que tenham muito de romance, muito de poesia e sejam mesmo pobres, como **Anjo das Ruas, Rio da Vida,** duas historias que deram films que me encantaram. Bem por isso é que achei **O Pagão** o melhor de todos os films americanos que já vi.

O meu artista de Cinema americano predilecto é John Gilbert.

A artista, Joan Crawford.

Cecil B. De Mille é um dos directores cujos films mais aprecio. Frank Borzage é outro.

Nunca trabalhei em theatro e nem por isso já me interessei. Sempre preferi o Cinema,

Não gosto do film totalmente falado. Do synchronizado, sim.

O escriptor que mais tenho lido e aquelle cujas palavras mais me agradam é Benjamim Costallat. Não aprecio a literatura pesada. Gosto de tudo que é moderno.

Olegario Marianno é o dono dos versos que mais me encantam.

No **sport,** o remo é o meu predilecto. Pratico-o e pertenço com orgulho ao Club Botafogo de Regatas. O **tennis** é um exercicio e passatempo que tambem aprecio muito.

O meu passatempo predilecto é a leitura. Escutando musica, sendo ella moderna, tambem me divirto. As melodias classicas, para mim, causam o effeito de um punhal: ferem-me. Não sei porque, irritam-me, causam-me tristeza.

No studio é que passo meus melhores momentos, os melhores que já tenho passado em toda minha vida. Lá eu esqueço aborrecimentos, não me lembro mais de contrariedades. Longe do Studio, entretanto, sou sempre um aborrecido. Uma cousa, entretanto, faz-me grande mal: é ver como são considerados todos aquelles que ingressam para o Cinema e se fazem artistas. Por que? Poucos são os que com-

(Termina no fim do numero)

De Joinville...

Leopoldo Fróes

(De VÁS TYNOCO, representante de CINEARTE)

Sim, é o Fróes. Não, é o philosopho do "Sympathico Jeremias"...

Até ao meio deste anno, Brasil e Portugal deverão assistir á exhibição do ultimo film falado em portuguez aqui feito, intitulado "Noite de Nupcias", versão do original americano "Her Wedding Night", vehiculo que serviu para um dos ultimos trabalhos de Clara Bow.

Dick Blumenthal, um dos directores dos Studios da Paramount aqui, fez uma recente viagem á Lisboa afim de contractar elementos para esta mesma versão á qual me referi e, quando de lá voltou trouxe, entre outras figuras de merito, a incontestavelmente notavel de Leopoldo Fróes, um dos principes do theatro brasileiro. Elle, no argumento, desempenhará o primeiro papel masculino, isto é, o de

maior realce. Os outros elementos dos quaes se compõe o elenco, são Beatriz Costa Alberto Reis, famoso barytono, Estevam Amarante, (todos estes sufficientemente conhecidos ahi) Amelia Seixas Pereira, Seixas Pereira, Maria Emilia Rodrigues, Maria Sampaio, Ferreira da Costa, elementos do theatro portuguez e mais os brasileiros Francisca Azevedo, Madame Janocopulos e Mario Marano.

O papel de Loulou, franceza cheia de nervos que só sabe amar ao som de objectos quebrados, é interpretado por Genèviéve Felix, artista que já residiu muito tempo em S. Paulo e até filhos brasileiros tem. Outrosim, elemento conhecido do Cinema francez. Os demais papeis são interpretados por francezes e hungaros.

Este mesmo assumpto, feito em 14 versões, teve, nesta, a direcção do allemão Emerich Emo, que em mim, representante de *Cinearte*, teve um fiel interprete de suas ordens aos artistas e das perguntas

Uma das melhores scenas de Leopoldo Fróes, que afinal, adheriu ao Cinema falado...

desses á elle. Isto, para os ensaios que sempre precediam as representações.

Noite de Nupcias, que a Paramount fez com o

mais esmerado dos caprichos, é todo feito para alçar mais successo do que os precedentes films tambem falados em portuguez, "Canção do Berço" e "Mulher que Ri".

Hoje, dia 6 de Março em que estou escrevendo estas linhas, exhibe-se em Paris a versão franceza do mesmo thema, sob o titulo "Marions Nous", com Alice Cocea, Fernand Gravey e Pierre Etchepare, nos primeiros papeis e sob a direcção de Louis Mercantou. Sem erro ou receio de exaggerar, ouso affirmar que esta é a primeira versão portugueza aqui feita que pela direcção ou interpretação sahe melhor do que as demais.

O assumpto, genero "vaudeville", aborda as aventuras de um compositor musical celebre que, para fugir ás perseguições das suas admiradoras, a todo instante exigindo-lhe autographos, deixa em seu logar o seu amigo Raul Laforte. Ha uma complicação com a "estrella" de Cinema, Gilberta Aragão e dahi para diante tudo se complica até que um final interessantissimo vem terminar com os "qui pró quós" curiosos de que se compõe o film.

no CINEMA

As photographias do film que remetto, annexas, são *exclusivamente* para *Cinearte* e representam scenas do film e aspectos do conjuncto todo ao lado do director Emerich Emo. Para minhas proximas collaborações escolherei entrevistas com esses mesmos "astros" e "estrellas" que são personagens importantes deste actual modo de Cinema.

Leopoldo Fróes e Maria Sampão numa scena do film.

Corpo technico do film "Noite de Nupcias": Sentado Antonio Sergio de Sousa, "mestre" de dialogos e adaptador da peça. De pé, Perrin e Receioni, operadores. Emerich Emo, director. Milani, assistente. Leopoldo Fróes e Vás Tynoco representante de CINEARTE nos Studios de Joinville.

+ + + Existem nos Estados Unidos, ainda, um total de 7 mil e 865 casas sem apparelhos para films falados. Usam orchestra ou orgão. Nos Estados Unidos, notem!

Sentada Beatriz Costa. Em pé: Amelia Seixas Pereira, Estevam Amarante, Genèviéve Felix, Emilia Rodrigues, Alberto Reis, Ninita Brandão e Leopoldo Fróes.

Ja correram boatos de que Lawrence Tibbett se achava em Agua Caliente, sem dinheiro...

BOATOS...

— Leia! Novidades sobre o medonho desastre de aviação!!! Um *astro* da Cinematographia morre nos escombros do seu apparelho!!! Wallace Berry morre durante uma experiencia na sua ultima tarde de aviação!!!

Era um jornaleiro no canto do Hollywood Boulevard que gritava assim. Attonitos, sem esperar semelhante noticia, compramos o jornal, afflictos, para lermos as ultimas noticias do grave acontecimento. Linhas adiante, consternados, averiguavamos que era infelizmente verdade. Wallace, pobre Wally!, horas antes tão alegre, numa experiencia no ar tombára, desastradamente e nem siquer conseguira viver para dizer aos amigos! Uma medonha catastrophe!

Sentimo-nos aborrecidos. Violentamente aborrecidos. Se o aeroplano fosse delle mas elle não estivesse nelle, vá lá, mas elle estando... não era negocio

O facto, entretanto, era muito outro. Um amigo de Wallace Beery, amante de aviação, contára numa roda de conhecidos, que Noah, irmão de Wallace, sonhára, na vespera, que Wallace fôra fazer um *raid* e morrera num accidente. Nervoso, telephonára ao irmão e soubera, delle, que nada de novo havia acontecido.

Prompto! Os conhecidos do amigo de Wallace e Noah espalharam a cousa, devidamente augmentada, e, no final do dia, o redactor do jornal tinha noticia de que um medonho desastre destruira a vida de um dos "mais apreciados *astros* do Cinema"...

São assim, realmente, os rumores todos que circulam em Hollywood. Sem nada, nascem. Sem nada, crescem, sem nada, morrem depois de uma ephemera existencia. Mas não ha redactor que se corrija e nem telegrapho que crie juizo...

Houve, ha dias, por exemplo, um boato de que Jean Hersholt, "mal de vida", ia fazer leilão de tudo quanto possuia na sua rica vivenda. O que havia de positivo, entretanto, era que elle havia posto em leilão algumas *duplicatas* de raridades que possuia e que possuia e que não tinha razão de possuir. Fez isto, particularmente com os livros, porque queria espaço para outros que ia adquirir e, assim, achou que era a melhor maneira delles se livrar. Bastou isto para que o dessem como "arruinado" e "desgraçado"...

Ha pouco tempo, com rara sorte, Sally Blane escapou á um desastre que, de facto, poderia ter-lhe roubado a vida. Ferida, apenas, ella nem siquer procurou um hospital para se medicar. Tudo foi feito em seu proprio lar. Bastou isto para que á noite, assistindo um film seu, dissessem innumeras pessoas na sala: "Coitadinha! Victima, hoje pela manhã, de um pavoroso e mortal desastre!", já tirando-a do numero dos vivos...

Se dermos ouvidos aos boatos de Hollywood, Gloria Swanson ha muito já morreu. E' que corre uma versão que diz que ella morreu, ha annos, quando tratava de um dente ruim, numa cadeira de dentista e que os productores, com rara felicidade, tendo encontrado uma substituta extremamente parecida, até hoje têm-na "mystificado" como se fosse a authentica Gloria Swanson... Como se o mundo todo fosse assim tão supinamente cretino...

Um jornal de Chicago noticiou a morte de Clara Bow, "coitadinha, num placido leito de hospital". Ella esteve num hospital, realmente, mas em visita á uma amiga que adoecera. Foi o sufficiente para que alguns a dessem como "internada para uma melindrosa operação" e outros, mais rapidos "ha pouco fallecida numa casa de saude"...

Dizem o mesmo sobre Rin Tin Tin, affirmando que elle tem sido substituido por outros "modelos" iguaes. Lee Duncan, entretanto, seu dono, diz que é mentira absoluta, mas que elle não insiste em negar porque não vale a pena teimar contra tantos mentirosos...

Boatos sobre noivados, então, são mais do que frequentes. Já disseram isso de Winnie Lightner e William Collier Jr., por, por exemplo... Elles, entretanto, nem siquer foram apresentados um ao outro. Mary Nolan, igualmente, até esposa de Neil Hamilton já foi! No emtanto, elle é casado ha longos annos e é muito feliz e ella nem siquer o conhece, pessoalmente...

— "Lá está Fulana, aquella pequena que foi morta no outro dia" — e assim começam os boatos.

Rumores sobre divorcios e separações, então, não têm mais fim. Jack Dempsey e Estelle Taylor, pelos jornaes, já se divorciaram umas vinte vezes, posto que formem um dos mais felizes casaes de Hollywood...

Uma manhã, Hollywood toda soube, consternada, que Doris Hill havia se envenenado e fallecera, depois. Leram a noticia, todos e particularmente os do Studio interessado que a tinham no elenco de um film. O caso, entretanto, era com uma "preta" que se chamava Doris Hill se suicidara e isto já fôra o sufficiente para que os jornalistas a dessem como sendo a Doris Hill do Cinema...

O casamento de Norma Talmadge, então, tem sido uma cousa commentadissima. Já a deram mais de vinte vezes como divorciada de Joseph M. Schenck e, afinal de contas, sempre estão juntos. Sobre Norma e Gilbert Roland, então, as cousas mais torpes têm sido sophismadas sem que haja contra essas accusações uma defesa sufficiente, sinão uma satisfação de honra.

— Veja lá! Que sonsinha, hein!

Era Mary Brian. Estava num "cabaret" e conversava animadamente com um rapaz.

— Tão innocente, na tela! E, agora, com o amante neste lugar...

Eram as phrases que até os jornaes do dia seguinte inseriam, alfinetando...

Mary Brian, entretanto, ha tempos que não via seu irmão. Elle viera a Hollywood fazer-lhe uma visita. Ella, para divertil-o, levou-o á um logar decente, agradavel. Prompto! Era o sufficiente para boatos...

E' tão commum differem as idades de uma artista que acontecem ratas pavorosas como esta: —

Lila Lee é antiquissima no Cinema e como esteve muito tempo afastada, embora joven, ainda, pois nasceu a 25 de Julho de 1905, é tida como velhissima e apenas favorecida com uma pintura especial que sabe occultar a sua verdadeira idade. Um reporter, entrevistando-a, um reporter de seus 40 e poucos, quasi 50 annos, disse-lhe, pensando elogial-a.

— Lembro-me perfeitamente de si, Miss Lee! Quando era meninote costumava ver seus films. Como eram bons! Poderia dizer ao meu jornal o que é que faz para conservar assim a sua mocidade?...

Naturalmente confundia-a com Fanny Ward...

Numa festa, recentemente, uma pequena de sociedade, dansando com Edmund Lowe, disse-lhe, surpresa.

— Tão distincto o senhor é, Mr. Lowe! Palavra, eu pensei, quando lhe fui apresentada e me pediu que dansasse comsigo, que iria ouvir pesados gracejos em calão, ditos com a bocca retorcida...

— E porque pensou isso, senhorita?

— Já li umá entrevista, ha tempos, dizendo que a palavra mais delicada que o senhor dizia á uma pequena, quando conversasse com ella, era "besta"...

Edmund Lowe enguliu em secco e desde ahi ficou com medo dos jornaes...

— Mas Mr. Lowe, eu pensei que tratasse mal as mulheres!

Richard Dix, então, foi tido longamente como mestiço, só porque appareceu em um film fazendo um papel de indio.

E' que os boatos dos jornaes o haviam dado como tal e ninguem queria se convencer do contrario...

— Sabes já da ultima?

— Não, qual é?

— O Lawrence Tibbett...

— Sim, que tem elle?

— Coitado! Imagine: foi jogar, em Agua Caliente. Lá, perdeu todo seu dinheiro e ainda, abalou seriamente sua fortuna. Sabe o que fez elle para conseguir dinheiro para voltar?

— Não. O que foi, hein?

— Precisou cantar, no meio do pessoal que ali estava e arranjar, com o chapéo na mão, "nickeis" para voltar...

— Mas quem é que te contou isto?

— Ora. E' tão sabido!!! Quem mo disse foi a cozinheira da minha prima. E ella mora perto de uma senhora que conhece a arrumadeira da casa do vizinho do lado direito de Lawrence...

Tudo se diz em Hollywood. Tudo se commenta. Tudo se fala. Boatos... Boatos e mais boatos...

Teria Hollywood soffrido alguma revolução?...

Loretta Young e Grant Withers, depois de menos de um anno de casados, vão se divorciar. Diz, ella, que assim o faz porque não mais o supporta e elle, por sua vez, que ao lado della a vida é intoleravel...

\+ + +

William Haines está concluindo "The Impostor", para a M G M e já tem novo assumpto escolhido para figurar. Trata-se de "Dancing Partners"; uma peça de fama mundial, da autoria de Alex Engel e Alfred Grumwald, que Frederick e Fanny Hatton adaptaram do original allemão, "Die Prinzessen und Entarzerin". A direcção caberá a Sidney Franklin.

LEILA
HYAMS

JUNE
MACCLOY

SALLY EILERS

JEAN ARTHUR

Vestidos e chapeuzinhos de Hollywood

CAROLE
LOMBARD

DEUS do

(EL DIÓS DEL MAR) — PARAMOUNT

RAMON PEREDA . . . . . *Leandro Dupré*
Rosita Moreno . . . . *Mariana*
Julio Villareal . . . . *Korff*
Manuel Arbó . . . . *Pancho*
José P. Pepet . . . . *Nick Petroleiro*

Director: — *E. D. VENTURINI*

Niña Bonita, uma escuna ligeira, navega todo panno para alcançar o mais cedo possivel Tipali. Atraz della, igualmente veloz e desesperadamente anciosa por alcançal-a, *El Gran Capitan,* outra escuna quasi do mesmo calado.

Isto, para olhos leigos. Olhos argutos, perscrutadores, entretanto, verão novas aventuras nessa perseguição que *El Gran Capitan* move a *Niña Bonita*. Perseguição, sim.

Drama? Aventura? Luta entre contrabandistas?

Não. Uma aposta, apenas. Leandro Dupré apostára com Korff que *Niña Bonita* venceria *El Gran Capitan* e Korff, naquelle instante, a todo panno, procurava evitar que Leandro vencesse e lhe levasse a escuna, premio que haviam combinado quando fecharam a aposta.

———o———

O que se passara, antes disso, sabiam-no Leandro e Korff, demasiadamente. Nos dados, pouco a pouco, Leandro perdera tudo quanto possuia e Korff, ganancioso, mais do que nunca, propuzera-lhe a corrida final. Premio: as escunas em combate.

Leandro arriscára, sem duvida, mas era preciso que assim o fizesse. Sua ultima esperança, realmente.

E já ia bem distante de *El Gran Capitan* o barco chefiado por Leandro Dupré quando o seu immediato lhe vem dizer que ha um naufrago a vista.

— Que me importa?

— Mas fez doidos signaes de desespero...

Houve um longo silencio. Dupré lançou um rapido olhar de soslaio para a figurinha que ao longe balouçava-se sobre as ondas.

— E pensas que *Niña Bonita* seja barco da cruz vermelha? Para a frente, homem! A toda vela!!!

Dias depois, Leandro Dupré, sem sua escuna, sem nada mais, no mundo, passava a ser um dos muitos vagabundos que perambulavam inutilmente pelas ilhas da Melanesia. Nelle haviam vencido os bons sentimentos de homem e o naufrago fôra salvo. *El Gran Capitan* venceu a corrida, Korff, rindo, apossou-se daquillo que a aposta havia combinado.

———o———

Em Tipali, Mariana, sua noiva, é sua ultima consolação. O publico frequentador daquellas tavernas, arrastado pelo dinheiro de Korff e pelas bebidas que elle lhes pagava, nem se lembrava do nobre sacrificio de Leandro Dupré e este, tambem no alcool, procura esquecer suas magoas, seus enormes tormentos.

Mariana luta contra o vicio que ameaça dominar Leandro.

— Deves deixar disso, Leandro, para teu bem, querido...

Dizia ella, nervosa, chorando a desgraça que anniquilára com o homem que era todo seu coração.

— Isto! Isto o que? A bebida?...

Replicava elle, apontando o copo com bebida.

— Não só o que bebes, Leandro. As tuas apostas. O teu vicio pelo jogo. Se não os tivesses, não estarias agora na miseria, sem fortuna e sem barco, aquelle que tanto querias... E' preciso que te corrijas, meu amor...

Finalizava ella, sempre, depois dos bons conselhos.

— De que servirá? Para que? O que eu mais amava, neste mundo, perdi...

— O que mais amavas?... Teu *barco*... E' só nelle que pensas. Só delle que te lembras...

— E tu? Pensas em mim, por acaso? Eu, que tudo perdi?... Já te vi seduzindo Korff... Mas fazes bem, sabes? E' sempre muito melhor estar ao amparo, ao lado da fortuna, do que ao frio, junto da miseria...

Era mais um dos insultos que elle lhe dirigia. Depois, gritando por mais bebida, continuava enfiando-se pelo caminho escuro e perigoso do vicio.

———o———

Dias depois, ao seu lado, tinha Leandro Dupré o homem ao qual salvara a vida, Nick, um caçador de perolas.

— Tenho que lhe pagar, patrão!

Leandro nem lhe ligava. Pagar... Com o que?

— Veja, patrão, veja!

E deu-lhe uma pequenina sacola que tinha pendurada ao seu pescoço. Leandro olhou-a por acaso. Depois, vendo que de dentro della sahiam enormes e authenticas perolas, voltou-se com attenção enorme para o homem ao qual dera a vida com prejuizo da sua escuna, seu unico thezouro.

— São suas. Pode ficar com ellas, patrão!!!

E deu-lhas. Leandro não quiz crer. Depois, apalpando-as, mascando-as, teve a certeza de que, realmente, eram verdadeiras e de grande valor.

— Bem, vamos por partes. Conversemos, amigo...

E diante de Leandro e Pancho, ounico marujo que se lhe conservára fiel, Nick fe za revelação da sua curiosa historia. Eram minas de perolas e mais perolas, milhões de perolas, todas ellas existentes

numa ilha que habitada era por selvagens antropophagos. Disse-lhes Nick, ainda que lá indo ter em companhia de outros pescadores, conseguira ser o unico a escapar á sanha dos selvagens que aos outros todos haviam devorado.

Depois de longa conversa tinham decidido. Para rehaver a escuna bastava uma só daquellas perolas que Nick insistia em lhe dar. O que precisam, apenas

chamar a attenção de mais ninguem para aquillo.

Sabendo, por intermedio de outros, que Korff declarara que preferia queimar a *Niña Bonita* do que entregal-a novamente a Leandro, este, cauteloso, tratou logo de effectuar a compra da mesma por intermedio de Sin Li, um chinez muito seu amigo e fiel. Feita a mesma, passou Leandro a

effectuar na mesma varias reformas sem apparecer e nem Pancho, tampouco, isto para menos ainda despertar suspeitas.

Tudo prompto, Gil, um dos sicarios de Korff, leva-lhe a noticia de que, no dia seguinte, Leandro Dupré se faria ao mar, na *Niña Bonita,* como patrão da escuna, levando como seu immediato o seu fiel Pancho.

— Tens certeza? O que mais sabes?

— Sim. Disseram-me, ainda, que o velho que elle salvou vive a falar em perolas de minas de Salomão. Já está quasi a morte e não pode siquer reconhecer alguem. Elle ficará.

— Vamos até lá.

Disse Korff e dirigiu-se com Gil para a casa de Leandro onde queriam encontrar-se com Nick. Sabiam elles, acima de qualquer outra cousa, que o peixe sempre morre pela bocca...

Niña Bonita havia partido. As revelações de Nick, em delirio de febre, foram para Korff o sufficiente. Não podendo já impedir a partida de Leandro, elle resolve fazer-se de viagem em perseguição áquelle, ainda que fosse preciso, para compensar essa derrota, esmagal-o pela força.

A ultima noticia que lhe deu Gil, então, pol-o doido de raiva. Mariana, que elle cria apaixonada por elle, apesar de noiva de Leandro, embarcára com elle na *Niña Bonita* e isto, ainda que outros motivos não houvessem, era o sufficiente para uma vingança.

o

— Como entraste aqui?

Era o que Leandro perguntava a Mariana, trazida á sua presença por Pancho que a descobrira num esconderijo no porão da escuna.

— Não vim por tua causa, Leandro. Sei que não me queres. Mas fujo de Korff que se torna impossivel de supportar. Se queres, deixa-me em Macasar. Eu saberei fugir.

— Mas não iremos a Macasar.

— Não?

Pergunta-lhe Mariana cheia de agonia e quasi raiva:

— Não. Esta viagem é mais do que isso. E' uma arriscadissima aventura. Estou a caminho de um perolas. Não veremos terras, durante mezes. Posso voltar millionario muitas vezes, mas posso morrer. Agora, Mariana, ainda que não te seja agradavel, tens que partilhar a aventura comnosco.

Combinaram tudo e Mariana, mais feliz com isto, pois, afinal de contas ainda o amava muito, ficou em companhia de Leandro.

o

Dias depois, dentro do seu escaphandro, Leandro tem, diante dos seus olhos, a mais preciosa e enorme collecção de perolas que ser humano já teve. Gananciosо, numa vertigem louca, elle atira-se ás mesmas e por mais que as arranque e mais as tenha comsigo, mais as quer e mais as arranca do fundo do mar. Quando quer voltar, entretanto, sentindo que já lhe falta o ar, vê que não consegue. Um dos cabos ficára preso á um logar qualquer e, ainda que queira, não será possivel pois é castigo seu ali morrer asphyxiado. As perolas, naquelle instante, mais parecem-lhe ironicas boquinhas a sorrir de que lagrimas de magia a seduzir.. Daria tudo aquillo para voltar...

Num supremo esforço, arrancando com o quanto de energias lhe restam, caminha para a praia e, ao chegar proximo á ella, já sem forças, tomba.

Mais tarde, muitas horas, talvez, volta a si. Caminha para o interior da ilha. O peso da sua vestimenta difficulta-lhe os movimentos, mas elle tem esperanças de conseguir encontrar alguem que o auxilie.

Diante delle, quando, feliz, contempla uma série de cabanas, ... negros e mais negros, todos os membros de uma formidavel tribu de cannibaes medonhos. Recua. Ao seu encontro caminham Pancho e Mariana, já prisioneiros dos selvagens e apenas esperando a hora de lhes servirem de manjar. Nada pode fazer para soccorrer os amigos e nem, muito menos, para se salvar. Os selvagens, num só movimento, encaminham-se para elle.

Um terror supersticioso, entretanto, apossa-se dos selvagens e elles, atirando-se em terra, proclamam-no *Deus do Mar,* ha tanto esperado e dão-lhe poderes para libertar os prisioneiros, Mariana e Pancho, quasi na hora de suas execuções.

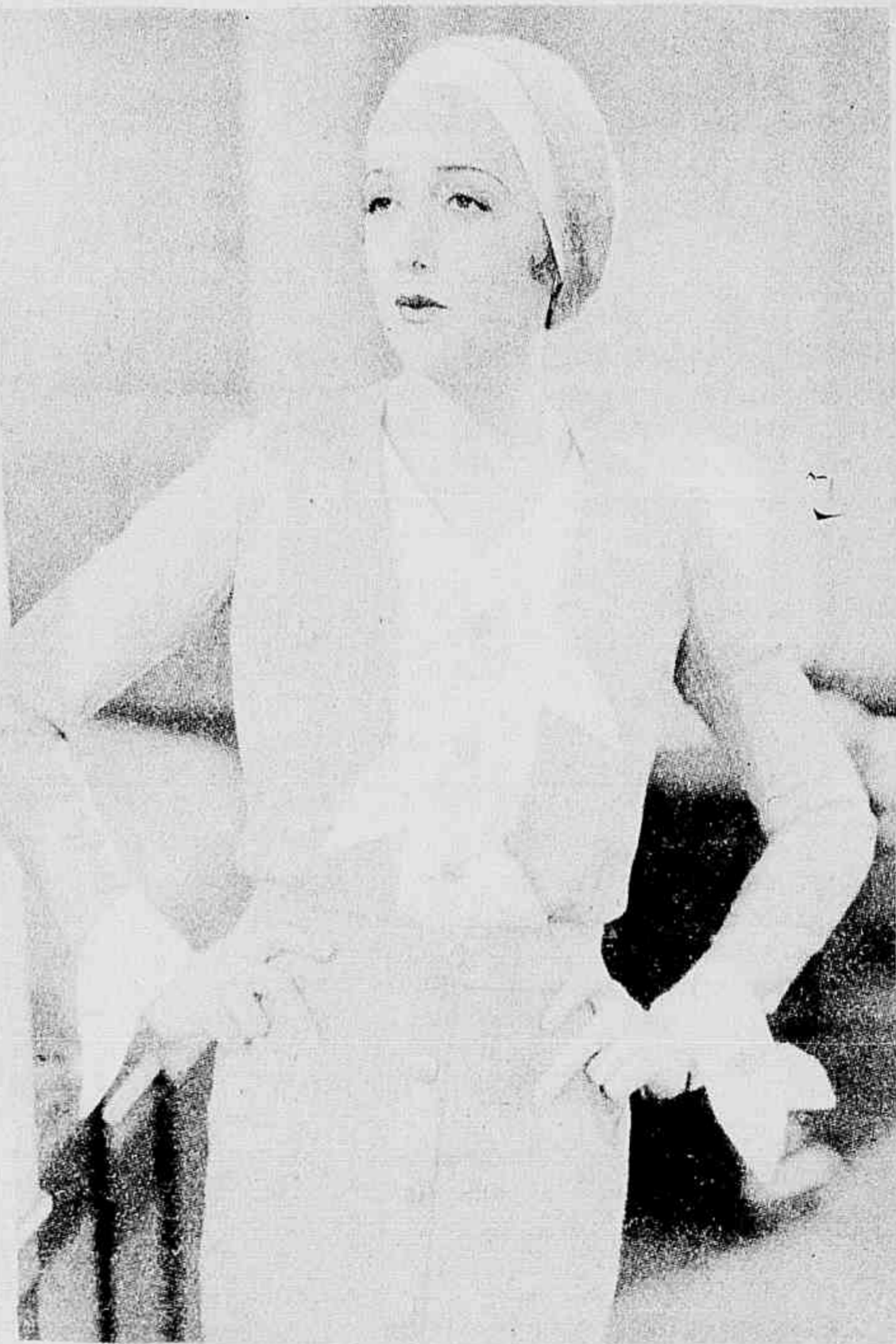
A situação delles é critica, terrivel, mesmo. Mas ainda lhes restam algumas esperanças. Korff e sua gente chegados á ilha, entretanto, são os unicos com os quaes podem voltar á terra, ainda que isto muito lhes custe.

Korff aprisiona Pancho. Leandro, avisado por Mariana, do occorrido, reune os selvagens, sob o poder do seu escaphandro e fal-os perseguir Korff e os seus. Ha um exito pleno a coroar o plano e Korff e seus companheiros são todos dizimados.

A noite, já cheios de aventuras, principalmente de perolas que os proprios selvagens vão buscar para elles, põem-se na escuna e, livres de pesadelos maiores, fazem-se de velas para a cidade, para o socego. Finalmente Leandro pode dizer á sua querida Mariana tudo quanto pensa della e do amor que lhe tem.

—o—o—o—o—o—o—o—

:-: Em *We Three,* da Warner First, Dolores Costello terá Donald Cook como companheiro.

Bebe!

Vamos entrar directamente pelo assumpto. O caso de Jack Oakie, por exemplo. Um rapaz jovial, espirituoso, que tem, comsigo, uma magua razoavel. Jamais foi dono de si proprio. Sempre teve ao seu lado, dizendo-lhe o que deve fazer e nunca fazendo o que elle quer.

Lupe Velez é outro exemplo. Teve que pagar, recentemente, 20 mil dollars pela quebra de um contracto que lhe não convinha, absolutamente. Mas como poderia ella apreciar esse contracto, realmente, se a quarta parte do que ella percebia, pelo mesmo, passava para as mãos do agente?

Sue Carol é outro exemplo de *estrella* explorada pela argucia de segundos. Venceu, no Cinema, ao lado de Douglas Mac Lean. Contractou-a elle e fel-a sua *empregada*. Para livrar-se do contracto foi um custo e teria perdido 150 mil dollares na questão se elle não a tivesse perdido perante o jury de Los Angeles.

Este caso de artistas entregues ás mãos ganânciosas de agentes exploradores, é velho. Basil Rothbone e Charles Bickford são outros dois exemplos neste genero. Com Spencer Tracy, então, deu-se um caso interessante. Devia elle commissões pelo seu contracto a dois agentes e ambos, emquanto durou o contracto, comiam-lhe mais da metade dos lucros...

Jack Oakie, neste particular, é um dos casos mais complicados do Cinema. Uma porção de advogados da Philadelphia não conseguiram deslindal-o... Eis aqui como se deu o desastre: — Quando Jack começou, no Cinema, fel-o com a Universal. O futuro parecia-lhe tenue, nebuloso e elle precisava, portanto, de alguem que o guiasse e o conduzisse, na vida. Apoiou-se elle em Wesley Ruggles, director do seu film em confecção, na mesma fabrica. Fez-se o contracto, entre ambos e passou Ruggles a receber percentagens sobre os lucros da sua carreira e a encaminhal-o em diversos bons papeis que appareciam.

Escravos de Hollywood

Era impossivel para Ruggles continuar as cousas nesse pé e, ao mesmo tempo, negociar contractos para elle, cousa que acabou confiando á um agente, dando-lhe 10% de commissão. Foi assim que o seu contracto e elle, portanto, foram vendidos á Paramount. Marcava o seu salario um total de 500 dollares por semana. Deduzindo-se delle a commissão do agente, recebia elle de 200 a 250 dollares semanaes. Pelo accordo original, desses 250 ou 200 dollares ainda era deduzida a parte que cabia a Wesley Ruggles. E assim caminhava a negra sorte de Jack Oakie.

Dahi para diante, o successo começou a sorrir a Jack e, já famoso, recebia ainda e sempre 200 dollares pelo contracto... Elle não tinha coragem de propor negocio algum a Ruggles, tanto mais que á elle devia a sua iniciação na carreira que agora lhe sorria e, assim, soffria calado a sua situação intoleravel. Mas continuava insatisfeito. Procurava elle um accrescimo nos seus vencimentos, activamente, embora a Paramount não se interessasse absolutamente pelo caso. Para resolver este caso e sua situação, Jack nomeou um terceiro agente, ganhando mais 10% de commissão sobre possiveis lucros e, estando tudo perdido, resolveu acabar de se perder. Por instantes, depois de realizado o negocio, que, aliás, aprecia-lhe bastante duvidoso, chegou a duvidar da sua boa sorte. Conseguiu, esse terceiro agente, um augmento de mais 500 dollares semanaes nos seus vencimentos e embora isto lhe acarrete mais 50 por mez de pagamento aos agentes, sempre representa um lucro de 450 para si o que elle ainda agradece. Sómente quando terminar o seu presente contracto é que elle conseguirá a definitiva soltura das mãos desses homens que o prendem comsigo.

O negocio, com Lupe Velez, teve caracter ainda peor. O seu agente, Frank Wodyard, garantiu-lhe um ganho de 6.000 dollars para o primeiro anno, tendo elle 75 % nos lucros... Era um jogo, sem duvida, porque elle entregára os 6.000 dollars a Lupe e assim como ella poderia não ser successos algum, poderia vencer e ser um successo formidavel, pagando elle, portanto, 75% sobre todos os negocios que ella fizesse. Foi, logo depois viu-se, um jogo excellente. Logo depois de chegar a Hollywood já recebia ella 500 dollares por semana, dos quaes seu agente 125. Offereceu-lhe, por essa occasião, a United, um contracto de 1.000 dollares semanaes, dos quaes ella perderia 250 para seu agente. Travou-se questão, em torno disto e ella procurou provar que era de menor idade quando fizera aquelle contracto com Woodyard. Venceu ella o caso, mas perdeu todo o dinheiro que uma opportunidade lhe offerecia e que a questão impediu de ser assignada.

GARY COOPER

Fay Wray teve caso semelhante com sua agente, a qual lhe levava 25 % das rendas e vencendo ella a questão, livrou-se de bôa.

Olive Borden, quando a Fox a contractou, tinha um contracto pelo qual o seu agente levava 25 % nos seus negocios todos. Conseguiu ella, com muito geito, dar-lhe apenas 15 % e isto durou emquanto durou seu contracto com aquella fabrica.

O contracto de Douglas Mac Lean com Sue Carol, entretanto, foi dos casos mais escandalosos de Hollywood. Elle lhe pagava 150 dollars semanaes e alugando-a, recebia de 500 a 1.000...

FAY WRAY

Gary Cooper, economico até ao ultimo, chegou seriamente os primeiros 5 % que teve que pagar a um agente que lhe conseguiu um augmento de salario...

Charles Duell teve Lillian sob identico contracto de porcentagem e forçou-a quando rompeu com elle, a pagar-lhe uma indemnização de 5.000.000 de dollars. A justiça, entretanto, deu contra as pretenções ganânciosas do agente e só assim livrou-se ella do pesado encargo.

OLIVE BORDEN

Cora Wilkening, igualmente, quando foi secretaria e agente de negocios de Mary Pickford, em 1916, quando ella ainda figurava entre as figuras principaes da Paramount, approveitou-se da situação e explorou Mary o mais que poude. O rompimento, entretanto, trouxe-lhe aborrecimentos sem conta e os peores.

(Termina no fim do numero)

Whoopee

— *Film da United Artists*

Wanenis era mestiço. Mas assim mesmo Sally Morgan amava-o immensamente. Conheceram-se um dia, depois de um pôr de sol que lhes machucara a alma e numa noite de lua, depois, beijaram-se sellando um amor sem fim.

Mas Wanenis não podia pretender a mão de Sally Morgan. Havia seu pae de permeio e o Sheriff Bob Wells tambem. Elle, o mestiço, de nada sabia. Afastara-se do local e fôra para a cidade estudar, educar-se, fazer-se digno de Sally, perante o mundo, diante da sociedade. Não sabia de nada. Ella é, que sofria, na sua ausencia, de um ataque o mais cruel: seu pae e o Sheriff. Aquelle impondo um casamento que não lhe agradava, absolutamente e este com a pretenção de ser sua esposa, o noivo desejado por seu pae.

Um dia, Wanenis voltou. Trazia a pelle bronzeada, de sempre, mas o coração puro, perfeito, mais educado do que o coração de um branco. Era a vespera do casamento de Sally.

— Wanenis, amo-te! Foi meu pae que me obrigou a isso...

— Querida...

Era a unica cousa que elle podia dizer. Comprehendia aquella situação. Sabia que o pae de Sally era resoluto, terrivel. Sabia, tambem, que seu sangue de pelle vermelha não lhe permittiria, jamais, um socego, ao lado daquella que tanto adorava e Sally, ao seu lado, mais infeliz do que elle, talvez, soffria sem resignação aquelle golpe que ameaçava pol-a para sempre esposa daquelle homem cujo nome, só, era sufficiente para lhe causar calafrios.

Não havia outra solução, entretanto. Era Bob Wells a unica... Wanenis não se conformava. Sally, muito menos. Foi então que se voltaram as attenções todas para Henry Williams. A elle Sally escolheu para ser o seu salvador, o homem que havia de entregal-a ao eterno carinho do seu amado Wanenis e aquelle que a livraria da audacia importuna de Bob Wells, o sheriff.

Henry, um nevropatha, ridiculo e até apparentemente tôlo, é doente de pensamento. Crê-se o mais infeliz dos mortaes e, tambem aquelle atacado de todos os males deste mundo. Elle era de New York e achava-se ali, no sitio de Morgan, para recuperar a sua saude presumidamente perdida. Com elle, tratando dos seus males imaginarios, Mary Custer, uma enfermeira com um olho num provavel matrimonio.

Para levar avante seu plano, ella envia-lhe um bilhete, convidando-o a comparecer a um encontro com ella e, quando este encontro se dá, pois Henry embora nervoso, é principalmente curioso, conta-lhe ella que deixara outro para seu pae, igualmente, dizendo-lhe que elle Henry a havia raptado.

— Fizeste isto, Sally?...

— Fiz!

— E agora?...

Foram as primeiras palavras, medrosas, que elle pronunciou. Depois, com os sorrisos de Sally amainou-se seu coração, amainaram-se seus nervos, em seguida... E principiou a achar interessante a aventura...

No velho Ford de Henry, iniciam elles a fuga pelo deserto e quanto mais se afastam de Morgan, que Sally sabia em sua perseguição juntamente com o Sheriff, tanto mais se embrenham pelo deserto a dentro.

Nervosos, verificam, afinal, que não ha mais gazolina no tanque e nem si-

EDDIE CANTOR . . . *Henry Williams*
Eleanor Hunt . . . . *Sally Morgan*
Paul Gregory . . . . *Wanenis*
John Rutherford . . . . . *Sheriff Bob Wells*
Ethel Shutta . . . . *Mary Custer*
Spencer Charters . . . . . . *Jerome Underwood*
Chefe Caupolican . . . . *Aguia Preta*
Albert Hackett . . . . *Chester Underwood*
Will H. Philibrick . . . . *Andy Mc Nabb*
Walter Law . . . . *Judd Morgan*
Marilyn Morgan . . . . *Harriett Underwood*
Girls: — Jeanne Morgan, Virginia Bruce, Muriel Finley, Esnestine Mahoney, Christine Maple, Jane Keithley, Mary Ashcraft, Georgina Lerch e Betty Stockton.
Director: — THORNTON FREELAND

quer mais algumas gottas que os levassem á um oasis, ao menos. E' deserto, deserto sem fim, por todos os lados e nem siquer a luminosidade de uma pequenina esperança...

Sally desespera-se Henry, mais do que ella sem duvida. Tão doente, tão nervoso...

No meio do maior desespero, um ruido de automovel desperta-lhes attenção. Seriam os perseguidores? Não eram, com certeza, porque o rumor vem de outras bandas.

Surge o carro. E' dos Underwood, uma familia que occupava a fazenda M., proxima a Morgan. Elles, autoritarios, intimam Henry a retirar o vehiculo e intimam-no em termos violentos e descortezes, principalmente quando verificam que elle é acovardado. A vista de Sally, entretanto, rehabilita um pouco da sua coragem e Henry, num impeto de raiva, sacca do seu revolver, quasi enferrujado e com elle intima os Underwood a lhe cederem gazolina. Depois, com o tanque cheio, novamente, esvazia-lhes os pneus e, em companhia de Sally, feliz e contente, põe-se novamente a caminho da fronteira.

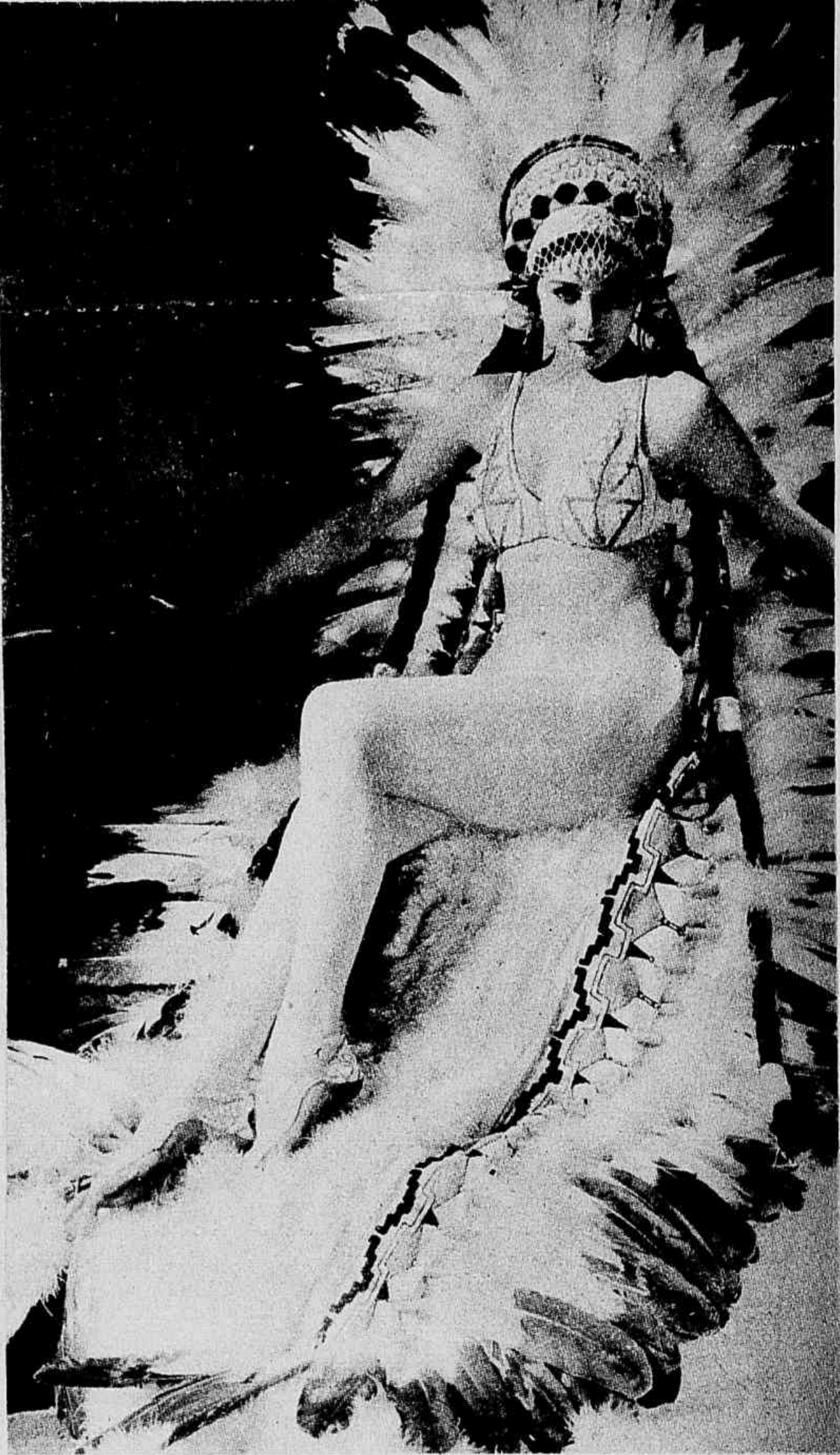
Cançados, famintos, proseguem elles na viagem estafante. Depois de muitas horas de lutas e desesperos, chegam, finalmente, á um sitio ao qual já batem sem mais forças.

Era a fazenda dos Underwood, os mesmos que elles haviam deixado na estrada. E então, a Mr. Underwood cabe a vez de tirar sua vingança. Como ficára sem criado, e sem criada, para sua casa, força Henry a servil-o como cozinheiro e Sally, como copeira, até que verificasse sufficiente a sua vingança ha tanto premeditada.

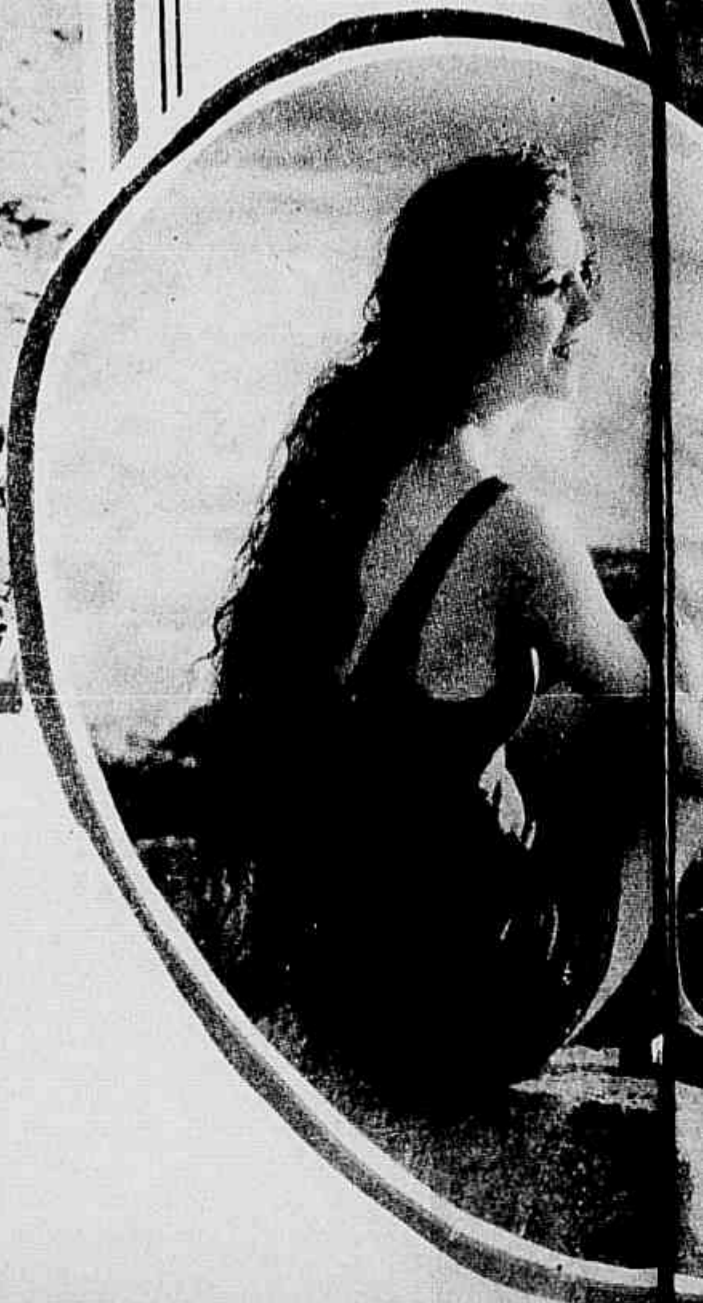
Emquanto isto, na fazenda Morgan, todos procuram os fugitivos. Quando chegam á fazenda Underwood a procura dos mesmos, Henry comprehende que o unico remedio para salvação della é fugir e de qualquer maneira. Torna-se elle violento, para para conseguir isto e, forte, de um momento para o outro, inesperadamente, mesmo, atira-se sobre o possante filho de Dr. Underwood e prostra-o com um violentissimo socco. Depois, apanhando o Ford, abre com elle caminho, derrubando a parede da garage e escapa em companhia de Sally.

Em fuga doida, sempre perseguidos, chegam á povoação dos indios da tribu de Wanenis e, com elles, encontram o refugio que lhes tinha sido até então negado.

Wanenis, por sua vez, certo de que Sally o havia já esquecido, ia renunciar a todos os seus conhecimentos de homem branco para ingressar de vez para a sua tribu. A vista de Sally e dos ardentes beijos que ella põe sobre seus labios, enfraquece elle a sua resolução e promptamente põe-se ao lado della para a ultima defesa.

Quando o pae de Sally e o Sheriff Bob Wells enfretam Aguia Negra, o chefe da tribu, e, ainda, quando a situação de calma entre indios e brancos está ameaçada pela intenção segura de Wanenis em defender sua amada, faz elle ao pae de Sally uma declaração solemne: Wanenis não é indio. E' branco. Fôra colhido de um massacre por elle e criado como se fosse indio. Seus paes eram brancos. Elle tambem, portanto. Todos sentem-se alegres, desde Sally até seu pae. Menos Bob Wells, com certeza e o casamento de Wanenis com Sally Morgan é immediatamente combinado.

Henry, por sua vez, livre de toda a sua mania de doenças, crê-se um verdadeiro heroe. E provas disto elle dá quando Miss Mary Custer, sua enfermeira, avança para elle, resoluta, querendo beijal-o e elle se esquiva e fal-a comprehender que elle é solteiro e assim pretende continuar...

The Iron Man, que Tod Browning vae dirigir com Lew Ayres no principal papel, tinha Dorothy Burgess como heroina. Substituiu-a, entretanto, Jean Harlow, de *Anjos do Inferno* e uma das ultimas grandes sensações de Hollywood. Mike Donlin e Eddie Eillon figuram, igualmente.

Rosita Moreno

Não Rosita
isto já não interessa
mais, nem para
tirar photographias.
Agora, é golfinho...

Rosita
cor
de
prata...
oi!!

Os
teus labios
são formosos,
eu sei...

(Preston Duncan)

Edmund Lowe

A HISTORIA

Edmund Lowe conta a historia da sua vida. Interessante, sem duvida.

*

* *

— Ha trinta e oito annos que existo. Tenho experiencias, illusões, desillusões, desapontamentos, felicidade e tudo mais que qualquer outro sêr vivente tem. Todos dizem á minha esposa: "Que feliz é o Eddie, não? Nunca se aborrece, nunca se amofina, está sempre tão alegre..." As minhas complicações, os meus aborrecimentos, entretanto, conheço-os eu e só para mim os tenho. E' melhor aparentar sempre uma felicidade que mesmo que não exista devemos crer verdadeira...

— Sempre tive qualquer cousa dramatica em minha vida. Vivi dramas: fóra e dentro da tela. Creio que minha mãe transmittiu-me esse pendor pela arte dramatica. Minha mãe era admiravel. Tantas cousas admiraveis ella me ensinou.

— Eramos seis irmãos. Quatro rapazes e duas moças. Eu era o caçula. Nossas condicções financeiras eram as melhores possiveis. Meu pae, quando nasci, era membro do California State Legislature e mais tarde tornando-se Juiz da Suprema Côrte de San José. Minha mãe, pelo muito que della me lembro, acho que devia ter sido uma *artista*. Ella era uma mulher encantadora, culta, e com um senso prodigioso de dramaticidade que a teria feito celebre, se tivesse sido artista. Lembro-me, muito bem, que quando eramos crianças, ella nos recitava Shakespeare, admiravelmente e nós nos punhamos a ouvir, attentos. Meu pae, então, era ao contrario: nada de artistico. Um homem generoso, altruista e bom como poucos tenho conhecido iguaes á elle.

— Tinhamos dois lares. Uma casa aristocratica, masjestosa, em San José, cercada de frondosas arvores, confortavel e immensa. Outra, em *Skyland*, uma typica casa de campo da California, cheia de arvores de frutas e um verdadeiro paraizo. Não me posso recordar dos ditosos tempos que nellas passei sem que sinta uma profunda melancholia dentro do meu intimo.

— Eu queria, nessa epoca, ser um conductor de bonde ou chefe de trem, igualmente. Cresci com esta vontade e difficilmente convenci-me do contrario.

— Era eu que conduzia o carro que levava meu pae á Côrte e era, essa, uma viagem que consummia apenas 15 minutos de tempo. Sabendo o quanto eu apreciava aquelle serviço, elle, extremamente bom, fazia-me dar muitas voltas e, assim, diariamente eu levava mais de uma hora para leval-o ao serviço e outro tanto para trazel-o.

— Uma das cousas que mais eu apreciava, naquella epoca, era assistir representações theatraes. Depois de assistir a peça *Shenandoah*, sobre a armada, deu-me uma vontade immensa de ingressar para a mesma e isto custou a sahir da minha cabeça.

— Depois desses arroubos juvenis e dos meus constantes desvaneios collegioaes, comecei a prestar attenção as pequenas. Tornei-me attencioso para com ellas e não podia furtar-me a estar perto de quantas apparecessem em casa ou pelas proximidades. Gostava das morenas e só dellas. Cheguei a amar algumas. (Casei-me com uma loura, entretanto...).

— Uma das mulheres que mais influiram na minha vida, foi a minha esplendida e admiravel professora, Daisy Fox. Ella é que me interessou pela carreira theatral. Era professora de inglez e, ainda, instructora do nosso grupo de artistas amadores. Ella é que me animou, me ensinou e me ensaiou para os primeiros successos e os primeiros triumphos. Admiro-a até hoje, com a mesmissima veneração.

— Ao mesmo tempo que era apaixonado pelas possibilidades dramaticas que me indicada Miss Fox, apaixonava-me pelo sorriso gracioso e pelos encantos mornos de uma moreninha esplendida, chamada Grace. Ella apenas concluira seu decimo primeiro anno de vida e já era um primor de pequena. Queria ser minha heroina, a força e eu, convencido de que, de facto, ella tinha poderes adquiridos para ser minha heroina, bati o pé e gritei que apenas acceitaria os papeis se

Grace fosse a primeira figura feminina do elenco. Não era nada artista, a Grace e nem siquer ardor theatral possuia. Mas tinha uns olhos preciosos e uma pelle amorenada que me enlouquecia. Uma dia beijei-a. Ella tambem me beijou. Beijamo-nos, depois disso, frequentemente...

— Foi Grace que me ensinou os primeiros algarismos da complicada mathematica feminina... Depois que conseguiu ser minha heroina, esqueceu-me, promptamente... Quando fomos ensaiar, para a estréa, ella me disse que não queria que eu a *beijasse com tanto furor*... Foi minha primeira grande desillusão amorosa, na vida... Voltei immediatamente as minhas attenções para uma outra pequena do elenco, embora mais feia, só para moer...

— Depois que me viu firme com a *soubrette* da companhia, Grace voltou a dar-me attenção. Esqueci-a, entretanto e não lhe liguei mais a menor importancia. No dia em que fizemos as pazes, entretanto, eu estreiei um *colt* novo que meu pae me dera e montando-o cheguei, garboso, á casa que ella habitava. Desci do animal e recitei-lhe um imponente soneto do mais amoroso lyrismo. Sentia-me hespanhol, naquelle momento e toda a poesia dos meus versos levavam o ardor impetuoso do meu coração e da minha mocidade. Terminei. Fiz uma profunda reverencia com o chapéo e quando o esfreguei no chão, produzi pó. Ella suffocou-se com o mesmo e tossiu. A tosse tirou todo o meu espiritualismo romantico...

— Minha mãe queria inscrever-me na escola superior Santa Clara. A principio, não quiz ir. Já tinha minha intenção fixa de seguir carreira theatral e embora nada dissesse, continuava tudo tramando para seguir o impulso do meu coração: Achava, além disso, que para o que eu queria, a educação que eu tinha era mais do que sufficiente. Mas minha mãe insistiu. Meu pae morrera e eu não mais o tinha para apoiar-me nas minhas discussões com ella. Mas acabei accedendo e, hoje, agradeço-lhe mais este formidavel beneficio que me fez. Dessa escola guardo as mais sãs recordações e as mais agradaveis, tambem. Encontrei muita coisa formidavel na educação que lá me deram.

— A principio, na escola, soffri. Acostumado a comer cousa especialmente feita para mim, resolvi fazer greve e não acceitar *aquillo* que era o alimento dos demais alumnos da escola. Tres dias depois, pavorosamente esfaimado e sem que ninguem ligasse a menor importancia á minha greve, tive que terminal-a e acabei comendo, mesmo, aquillo que me davam para comer...

— Os deveres religiosos era uma cousa que me fascinava. Cousa interessante. Até naquillo eu via uma possibilidade de *representar*. Fui muito tempo coroinha e, depois, ajudei immensamente na sachristia da Igreja do Collegio. Achava aquillo esplendido e tinha uma fascinação irresistivel, como até hoje tenho, pelos serviços religiosos da minha religião.

— Não tive nada de anormal durante os dois annos e meio de estudos no Collegio. Sobresahi-me razoavelmente no *rugby* e no *baseball* e nos estudos, mesmo, cheguei a chamar attenção. Literatura era aquillo que mais apreciava. Historia, igualmente, fascinava-me immensamente. Mathematica era um curso que eu não supportava, como até hoje não posso nem nella ouvir falar. De numeros, só aquelles do meu ordenado...

— Uma vez por mez eu tinha sahida e ia visitar minha tia Kate e minha mãe, principalmente, em San José.

— Uma vez eu faltei dois dias, ás aulas e nem me encontrava em cada de mamãe e nem no Collegio. Eu sei onde estava, mas isto não é da conta de ninguem... Sei apenas que tomei um castigo de tres mezes de ferias cortadas...

Uma vez, quando tornei a ter licença para regressar, passei a noite mais medonha de toda minha vida. Foi a de 6 de Abril de 1906, pelas cinco da manhã, principalmente. Foi nesse dia que se deu a pavorosa catastrophe de San Francisco que a destruiu toda e abalou até aos alicerces toda a cidade de San José, igualmente. O terremoto! Não sei descrever, absolutamente, o pavoroso medo que tive durante o tempo todo que durou a catastrophe. Uma cousa innenarravel e pavorosa! Meus ouvidos até hoje guardam o ronco surdo da desgraça que precedeu o tremor e, depois, o abalo violento que a todos poz em medonha exaltação de nervos. Lembro-me que me atirei por terra e puz-me a rezar, rezar, rezar. Jamais rezei tanto quanto naquelles momentos. Eu, sempre de mente dramatizadora, cria que era castigo dos céos pela mentira que havia pregado no Collegio, á mamãe e á tia Kate... Pensei que aquelles fossem meus ultimos momentos. Ergui-me cambaleando, nervoso e atirei-me para a janella afim de ver pela ultima vez a minha cidade natal. Vi os postes tremerem, medonhamente, algumas casas ruirem e incendios romperem aqui e acolá. Pensei morrer.

— Mas vivi e continuei indo á escola. Continuei meu curso, fui esquecendo a pavorosa tragedia. Fiz-me bacharel em sciencias e letras.

—o—

— Vi Lilyan Tashman pela primeira vez, de uma segunda fileira de gallerias, no Follies. Um olhar, de longe, de muito longe, foi tudo quanto lhe dirigi. Aliás, cousa interessante, as mulheres todas que amei, antes della, tinham esse mesmo predicado. Via-se em um relance, antes de conquistal-as. Quando vi Lilyan, entretanto, senti o arrepio mais electrico que já percorreu todo meu ser. Direi mais alguma cousa sobre isto mais adiante.

— A primeira mulher que amei, seriamente, chamava-se Gertrude. Eu a vi num campo de *rugby*, minutos antes de começar nosso jogo. O olhar que trocamos foi rapido e eu apenas me lembro de a ter perto de mim, depois, quando, pisado em todos os nervos, eu, no hospital, curava-me daquelle mesmo jogo e ella era-me apresentada por um dos meus collegas. Nós chegamos a ficar *noivos*. Fizemos diversos planos para casamento e pensavamos em tudo para chegar á este fim. Não discutiamos, entretanto, outros assumptos importantes: consentimentos paternos, dinheiro, emprego, etc.. Couzinhas sem importancia... Além disso, eu devia deixar San José, proximamente, para estudar leis na Universidade de Harvard. Isto, para Gertrude e eu, eram quatro annos de uma cruel separação. Não podiamos acreditar nisso e nem siquer achar isso possivel e realizavel. Decidi-me: não iria á escola e ficaria ao lado da minha amada, nem que isso custasse rompimento definitivo com os meus.

— Pensava, ao mesmo tempo, que a minha experiencia como amador, poderia arranjar-me qualquer cousa proveitosa no theatro. Pensei, além disso, que quanto mais depressa

(Termina no fim do numero).

Sim, é Edmund Lowe em differentes phases da sua vida...

No theatro

A noite ia como começára, e o seu começo fôra a continuação de um dia luminoso e lindo, quasi sem vento a encrespar as aguas. Uma noite sem lua, o céo a piscar estrellas. E o *Atlantic*, um pequeno mundo a fluctuar, seguia rumo do Novo Mundo, vindo do Velho. Era um navio immenso, gigante dos mares, carregando em seu bojo milhares de almas, massa cosmopolita, todas as raças, todos os typos, todas as nacionalidades.

O mar está calmo, como si aguas fossem de uma lagôa. A nau não joga, e tudo convida á diversão. No grande e magnifico salão de baile, que antes se diria a installação de um grande hotel, a orchestra faz-se ouvir em um tango languroso, e ali a mocidade dansa, *flirta*, ri e... vive, emquanto a gente mais velha prefere vêr e commentar. Pelos *decks*, procurando recantos onde só chegasse a visão das estrellas, casaes que se isolam. No elegante e moderno salão de leitura uma linda criatura que escreve, e é uma mensagem de amôr que se vae graphando no pergaminho, e nós conseguimos lêr um pedacinho: "...eu te amo, sómente a ti. Não conheço ninguem a bordo, nem quero conhecer..." Entretanto acabára de entrar nesse salão um bello rapaz, todo attrahente, olhos brilhantes, e elle se fica a olhal-a emquanto ella cerra o *enveloppe*. Ella se levanta e elle se approxima; seus olhos se fixam mais e mais naquella figura seductora. Elle sorri e ella tambem, e elle, sem uma palavra, lhe toma o braço e a leva para a vertigem da dansa, no outro salão.

Lawrence e Monica tambem dansam. Ciciam palavras, um ao ouvido do outro. Vê-se logo o que são: recemcasados, em viagem de lua de mel. Para elles a vida se resume naquillo — juntos, bailando, murmurando caricias, na confiança de um amor mutuo, muito grande.

Tambem ha gente no *smoking-room*. Jogam uma partida de *bridge*. Ao redor da mesa estão John Rool, famoso escriptor, cujos livros são satyras escaldantes; sua esposa, Alice Rool; Tate Hughes, homem de negocios e de sociedade; e o reverendo Smith. John Rool está preso a uma cadeira: paralysia dos membros inferiores. Talvez seja essa escravidão ao seu proprio *valet - de - chambre*, o bom Pointer, que lhe inspire as satyras mordazes ao mundo e á sociedade. No bar, junto ao balcão, ingerindo dóses sobre dóses de Whisky, estão o major Boldy, um sceptico que gosta de viajar e Dandy, joven bem moderno.

Lá fóra, exposto ao vento cortante de uma tempestade vizinha á congelação, sentindo mais que qualquer outro o arfar do navio, pois que está collocado no "cesto" do mastro, o vigia — um par de olhos que prescruta no negror da noite, certo de que da sua visão depende a vida de milhares de criaturas. E a sua attenção tem de ser grande, pois que na ponte de commando a enorme queda da temperatura indica apenas isto — vizinhança de ICEBERGS!

Lawrence e Monica deixam o salão de baile em demanda do *smoking room* e em caminho da sua cabine E elles approveitam o momento para o convite que queriam fazer a todos os presentes, que se haviam congregado como que em uma pequena familia durante aquelles dias de viagem. No dia seguinte fariam dois mezes de casados, e queriam ter o prazer de se sentirem acompanhados no pequeno jantar que haviam mandado preparar aparte. Apenas o senhor Rool quer excusar-se:

— Não, não, minha filha. Eu tenho os meus habitos, e não gosto de sahir delles. Irrita-me quando sou obrigado a deixal-os.

Mas Monica sabe demovel-o daquella intransigencia, e então ella se dispõe a uma confissão:

— Sabe que custo a acreditar que o senhor seja mesmo o Sr. Rool?

E como haja um olhar de interrogação em todos os semblantes e um sorriso sceptico no do velho escriptor, ella continúa:

— No collegio não permittiam que lessemos os seus livros, e diziam tanta cousa a seu respeito...

— E... não os leu?

— Não, mas vou lel-os agora: não ha mais perigo. Agora eu sei que o seu principal crime está em se rir do que os outros acham bello.

Foi nesse momento que Tate Hughes, o homem da sociedade, relanceando o olhar em derredor e nao percebendo ali a esposa e a filha, deixou o *smoking room*, disfarçadamente, mas não tanto que o major Boldy e Dandy não percebessem. E é o major quem interrompe o silencio para fazer notar aos demais a fuga de Tate Hughes, tanto mais que momentos antes uma linda loira havia passado pelo *deck* e da janella lhe fizera um pequeno signal. Commentaram.

ATLAN

— Não pensem mal do Sr. Hughes — disse Monica — quando nós sabemos que a Snra. Hughes e Betty estão a bordo.

— Talvez por isso mesmo elle procure consolação — aparteou o Snr. Rool.

A conversação é interrompida com o apparecimento

do tenente Lanchester. Perguntam-lhe sobre os boatos a bordo, de haver algum perigo já que estão atravessando a zona dos *ice-bergs*. O joven official que chegava da ponte do commando onde todos haviam recebido estrictas ordens para desviar a attenção dos passageiros de qualquer perigo, soube torcer a sua resposta, embora explicando o que eram os campos de gelo, os alto *ice-bergs*, montanhas brancas que são enormes massas de centenas de metro de diametro á vista, e outras centenas immersas nas aguas do oceano; os *growlers*, campos rasos que sómente se distinguem em noites sem lua como aquella quando as estrellas se reflectem na sua suprficie polida...

Dandy estava doidinho para vêr um *ice-berg*, mas o tenente Lanchester o dissuade disso.

—Será muito difficil, mas em todo o caso, si houver alguma cousa para se ver, o vigia, do alto do mastro, dará o signal com tres badaladas. O melhor, por agora, é irem dormir, sem temer o menor perigo.

Quasi todos se retiram. O Snr. Rool e o reverendo Smith ainda ficam por alguns momentos. Pointer, o creado do velho paralytico, se ficára em um dos *decks* a vêr se encontrava no horizonte a linha branca que denunciava um *ice-berg*. Mas o que viu foi chegarem Tate Hughes e a sua bella companheira, que procuraram esconder-se quando o viram. E voltou para junto do seu amo a quem relatou a sua descoberta. E o reve-Smith saccudiu a cabeça que desapparecia. Foi quando surgiram a Snra. Tate Hughes e filha, que procuram pelo Snr. Tate. O Snr. Rool, perguntado, trata de excusar-se a uma resposta, indicando o reverendo como sabendo melhor. E a pobre senhora, que presente mais uma infidelidade do seu marido, ella que já havia soffrido tanto com o seu proceder, deixa-se cahir em uma cadeira, soluçando, emquanto Betty não esconde aos presentes o despreso que sente por aquelle que, embora seu pae, tanto fazia soffrer a sua mãe.

— O que vale é que esta viagem está por acabar breve... Soluçou a Snra. Hughes.

Nesse momento, após um pequeno silencio que se seguiu, ouviram-se distinctamente tres badaladas. Lá, do alto do seu ninho, o vigia divisára a massa branca e quasi invisivel de um *ice berg*. O seu signal repete-se com ansiedade, seguido do seu grito:

"*Ice berg* a bombordo... Muito proximo!"

Na ponte de commando, o official de quarto pede immediatamente a presença do commandante, emquanto dá uma ordem rapida:

— Orça para estibordo!

TIC

O commandante chega e logo presente o perigo. Lá do alto do mastro repete-se o signal de aviso, ouvem-se as tres badaladas e o grito do vigia.

— A toda força para a frente! — é o commando que as machinas obedecem.

Queria o commando evitar o choque da massa que se avizinhava rapidamente. Mas era tarde... Uma aresta da massa branca de gelo, como a garra estendida de um tigre acuado, tocára o flanco da nau e lhe rasgara o bojo.

O tenente Lanchester, que correra para baixo, volta a transmittir ao seu commandante a sua impressão.

— Commandante, foram arrancadas algumas chapas do porão inferior, e a agua entra em borbotões, subindo á casa das machinas!

Tilinta a campainha. De baixo informam o commando do perigo, e logo se faz ouvir a ordem transmittida pelo telephone:

— Fechar portas de segurança!

E o chefe das machinas que ouve essa ordem a transmitte e ella se repete de éco em éco... E, lá na ponte do commando, na carta electrica, o capitão vae seguindo o fechar das portas, e conhecendo pelo pontilhar das luzes o progresso ascendente da agua invasora.

— A's bombas!

E' a ordem do chefe das machinas, e quando uma parte da tripulação já se entregava a essa faina, tilinta a campainha do telephone, e elle ouve as ordens que vêm de cima, e vae transmittindo aos seus homens:

— Parar machinas!

— Apagar fogos!

— Pôr em andamento os dynamos de emergencia!

Lá em cima, na nau meio adormecida, pouco se notou o que se passava. Os poucos passageiros que ainda estavam de pé mal sentiram o abalo.

— Parece que roçamos em qualquer cousa — disse o padre.

— Tocamos em um *ice berg!* — diz Dandy, alegremente, elle que tanto queria vêr uma daquellas massas de gelo.

— Com certeza lhe tiramos alguma lasca... que eu queria agora para o meu *grog* — accrescentou o major Boldy.

Mas subitamente as suas feições se mudam.

—As machinas pararam...

Tate Hughes entra no salão. Elle quer saber a razão de tudo aquillo. Encontra a esposa encostada a uma mesa, mordendo o lenço ainda humido de lagrimas.

— Vae alguma cousa mal? — é a sua pergunta.

Mae e filha olham para elle, com um olhar que dizia tudo.

— Não ha de ser nada — intervem Dandy, que logo ajunta — Vamos a um *poker?*

Entretanto, emquanto ali se fala de partidas de *poker*, o capitão fizera chamar os seus officiaes.

— Sabeis agora toda a verdade, meus camaradas. Estão determinadas as ordens de serviço. Cada um em seu posto. Primeiro as mulheres e crianças.

Immediatamente começaram as providencias de salvamento, que deveriam ser tomadas sem que os passageiros se deixassem tomar de panico. Entretanto, emquanto a tripulação, já munida de salva-vidas, corria pelos corredores batendo ás portas com o grito de alarma: — "Todos ao tombadilho, com salva-vidas", o rouco apito do gigante começou a se deixar ouvir, insistente, emquanto que os sinos badalam e as sereias silvam. O telegraphista-chefe recebeu a visita do immediato que, debruçado sobre a sua mesa redige o pedido de soccorro:

(Termina no fim do numero)

A T L A N T I C

Producção da BRITISH INTERNATIONAL PICTURES sob a direcção de E. A. DUPONT

John Rool	Franklyn Dyall
Sra. Rool	Ellaline Terriss
Pointer, seu creado ...	Donald Cathrop
Tate Hughes	D. A. Clark Smith
Snra. Tate Hughes ...	Helen Haye
Betty Tate Hughes ...	Joan Barry
Lawrence	John Stuart
Monica	Madeleine Carroll
O Reverendo	Francis Lister
Major Boldy	Arthur Hardy
Tenente Lanchester ..	John Longden
Dandy	Monty Banks
Commandante	Sidney Lynn

Não ha, em Hollywood, palavra que se diga com maior facilidade do que **yés**. Afinal, concordemos, é muito mais facil sorrir e aceitar do que discutir e arriscar. A unica vez em que um **yes** falhou foi quando uma conhecida **estrella** perguntou á um director assistente que, nervoso, preparava tudo antes que chegasse o director e se zangasse com o atrazo.

— Estou horrivel, hoje, não acha?

E elle, sem prestar attenção, já tão habituado...

— **Yes!**...

E houve um panico medonho no set... Foi o primeiro **yes** errado daquelle director assistente...

O que succederá, perguntamos nós, quando um artista torna-se director ou vice versa? Terá elle que dizer **yes** á si proprio? Poderá elle dizer isso á si proprio?

Pergunta difficil de responder, procuramos logo os homens que nos poderiam dar as respostas almejadas. Ramon Novarro foi o primeiro delles. Dirigira as versões hespanhola e franceza de **Call of the Flssh**, —

Lowell Sherman e Alice Joyce em "The Knew Women"

Ramon tem sido o seu director...

Gente que não diz "YES"...

sob os nomes de **Sevilla de mis Amores** e **Seville de mes Amours** e o mesmo vae fazer com **Daybreack**, nas mesmas linguas. Apenas nas versões originaes é que elle é dirigido. Poderia falar, portanto.

— Antes de mais nada, pedi aos productores que me dessem a minha familia. Isto é, os que vêm trabalhando commigo ha longos annos e conhecem todos os meus habitos, perfeitamente. Operadores, electricistas, rapazes de almoxarifado e assim por diante. Aprecio a intimidade quando travada entre gente que se entende e é por isso que eu procuro traval-a immediatamente, quando encontro pessoas dignas della. Com harmonia e camaradagem consegue-se tudo que se quer. Isto, se tenho que trabalhar diante e atraz da **camera**, então, é absolutamente necessarioo. E u jamais dirigiria uma pessoa que não tivesse a mais céga das confianças em mim. Jamais! Procuro convencer a todos, antes de mais nada, que estão admiraveis nos seus respectivos papeis. Sei, perfeitamente, o que é não **sentir** um papel, principalmente quando o causador disso é o director no qual o artista não tem a menor confiança. Dirigir e interpretar um film, confesso, é tarefa difficil. E' trabalho e do mais serio. Quando estive assim activo, em trabalhos de filmagem, costumava fechar-me em casa, no meu aposento predilecto e, lá, estudava todos os papeis do film, tão bem quanto o meu. Depois disso eu reunia o elenco e, tres dias seguidos, ensaiavamos tudo. Isto é: estudavamos os dialogos, a representação e a movimentação. Quando começavamos a filmar, propriamente, eu já tinha ensaios avançados que muito facilitaram o andamento do film. Para o meu papel, então, eu punha outro em meu logar, até focalizar e preparar, ficando eu a estudar o angulo de machina e detalhes technicos até ao momento da filmagem, propriamente, quando eu passava para meu logar e realisava a scena, em vez do outro. Fizemos a versão hespanhola de **Call of the Flesh**, em vinte e um dias e a franceza em dezeseis. Iamos o dia todo e não raro entravamos pela noite a dentro quando tudo estava placido e nada nos podia importunar. Para conseguir isto, entretanto, foi necessario que eu tivesse a minha **familia** perfeitamente identificada commigo e perfeitamente ao par de todo movimento. Ao cabo dos trabalhos, tão satisfeitos estavam, todos, que reuniram-se e me deram uma estatueta de **Pierrot** para recordar os meus primeiros trabalhos de direcção.

Não é difficil comprehender a estima que todos devotam a Ramon Novarro. Elle é um dos raros individuos que sabe dizer **Não** até a si proprio. Isto, para esta funcção, é essencial. As scenas, mesmo as mais insignificantes, precizam ser feitas com perfeição e precizam o maximo cuidado da parte do director. Se elle for egoista, fracassará. Se for altruista, vencerá, na certa e terá amigos e estimas em quantidade. Ramon, com sua experiencia, descobriu varias cousas em materia de direcção. Entre ellas, sympathia de todos e para todos. O homem que dirige um film, acha elle, preciza ter a mais santa das paciencias e o melhor dos genios. Se não for assim, só arranjará inimigos que o prejudiquem e não amigos que o auxilliem.

Richard Dix tambem já não diz "yes" como director...

Foi Raoul Walsh que iniciou esse systema de por outro em logar, durante o ensaio e o estudo de um angulo, até ao momento da filmagem. Nos tempos silenciosos, devemo-nos lembrar bem, elle representou e dirigiu **Seducção do Peccado**, com Gloria Swanson. Foi melhor direcção do que desempenho, sabemos disso, mas o desempenho não foi de todo mau, afinal.

Raoul Walsh, aliás, como Edward Sedgwick, é um dos directores que gostam de apparecer em qualquer quantidade dos seus films. Em **The Big Trail** elle appareceu dizendo a John Wayne: "Não existem terras ao norte do Oregon!". Raoul Walsh chegou, mesmo, a ensaiar a representação para o papel de **The Kid** em **The Arizona Kid.** O desastre que soffreu, entretanto, impediu que isto succedesse, assim como impediu que elle figurasse como galã de **No Velho Arizona**, films estes que foram as consagrações de Warner Baxter. Elle é outro que sabe **negar** a si proprio.

Lowell Sherman foi outro que ouvimos a respeito do assumpto.

— E' necessario dividir a attenção. E' preciso conhecer um pouco de theatro para comprehender isto, sabe? Eu penso na historia e no papel que vou ter, nella. Depois disso, para diante, é preciso pensar em duas cousas, de cada vez. Na scena, e, depois, em si proprio. E isto não é dificil. Não existe um pianista que sabe tocar saxophone? Então? Attenção dividida, apenas... E' mais dificil ensaiar artistas do que representar. Antes de mais nada, logicamente, sem duvida, eu escolho a historia e, depois, procuro conferenciar com o scenarista. Depois reuno o elenco e começo os ensaios. Escolho as sequencias e vou ensaiando-as, uma depois das outras. Nunca repito scenas e procuro não retomal-as, para isso fazendo-as com carinho. Os espectaculos de Cinema duram hora e mais. Para que fazer films enormes? **Lawful Larceny** e **The Royal Bed**, meus dois mais recentes films, não tiveram uma só sequencia suprimida. Foram, ambos, como eu fiz.

Louis Wolheim, fallecido ha pouco, foi outro que arcou com as responsabilidades de dirigir e interpretar um film. **The Sin Ship**, esse referido esforço, quando terminado, provocou, da parte delle, uma phrase de revolta:

— Em outra não caio! Nunca mais!!!

E' que o soffrimento seu até no proprio film está reflectido. Elle nunca se tinha mettido nesses assados e, assim, quando sentiu a responsabilidade dupla sobre seus hombros, sossobrou. Eram suas grandes esperanças. Mas sahiu má a direcção e mau o film. Ambos soffreram. Elle não tinha a sufficiente calma e o sufficiente sangue frio e pratica para arcar com semelhante responsabilidade.

(Termina no fim do numero)

Conchita!

OS VOSSOS PRIMEIROS 50 FILMS

A' maneira de Indroducção

O livro, cujos capitulos nos encarregámos de traduzir e dar á publicidade, para que os nossos amadores encontrem nelle o que têm a encontrar, é uma obra organizada e publicada pela Kodak, com o intuito de seggerir ao amador como e de que modo realizar os seus primeiros films, difficuldade essa em que todo amador se enreda, no principio, por não ter um guia seguro que o dirija.

Como é natural, os scenarios descriptos e suggeridos durante o correr do livro adaptam-se mais aos Estados Unidos do que ao Brasil. No emtanto, com pequenas differenças, **uma ligeira adaptação,** diriamos, qualquer delles poderá ser feito no nosso paiz, para o nosso paiz, e pelos amadores do nosso paiz.

O exemplar que temos entre mãos e que vamos verter para o Portuguez foi-nos cedido pela Kodak Brasileira. E' o segundo dos dois unicos exemplares que se podem encontrar no Brasil. Os nossos amadores encontrarão, a seguir, muita coisa interessante. Ao amador que filmar qualquer dos scenarios descriptos a seguir, pedimos a fineza de nos informar sobre o resultado do seu trabalho.

S. B. F.

Fazendo films melhores

O proposito deste livro póde ser explicado em poucas palavras: habilitar o amador para que elle possa obter o maximo prazer, fazendo films de valor com a sua camara.

No dia em que o amador adquiriu o seu material cinematographico, recebeu com elle manuaes que explicam os principios diversos de operação e filmagem, em conjuncto com alguns pontos elementares do Cinematographia. O alvo visado por "Os vossos primeiros 50 films" é quasi semelhante.

Procuramos portanto demonstrar, nestas paginas, um methodo pelo qual **os vossos films,** films de **assumptos diarios,** podem tornar-se **mais interessantes** assim como podem captivar melhor as vossas audiencias. Para demonstrar isto, preparámos pois 50 scenarios em miniatura. Não representam, porém, uma norma inflexivel de trabalho, exemplos que afastam qualquer possibilidade de insucesso, e que garanta toda e qualquer perfeição. Os principios sobre os quaes são baseados é que se applicam a qualquer assumpto cinematographico — seja qual fôr.

Façamos uma menção bem como uma ligeira descripção desses principios. Poderiamos chamal-os as **tres bases fundamentaes da Cinematographia:** a Continuidade, os Primeiros-planos, e os Angulos de Camera; o mais importante dos tres é a Continuidade.

Chama-se Continuidade a cadeia de factos e acções sobre a qual é tecida a historia. E' o **caminho** seguido pela historia cinematographica, que, tal e qual como uma expedição qualquer, necessita de ter um alvo, um fim, e seguir uma trilha marcada. A relação de cada scena com a seguinte, numa sequencia ou successão adequada é o que dá o interesse ao film; e essas sequencias podem invariavelmente ser preparadas, com uma pequena imaginação, planos ideados previamente.

Valerá a pena. O amador encontrará na Continuidade um novo prazer durante a confecção dos seus films, mais interesse durante a filmagem e muito mais successo para a sua exhibição. Tomemos um exemplo: uma garotinha que recebe o seu presente no dia dos annos é, por certo, um assumpto digno de ser filmado; mas tambem não passa de um fragmento da vida quotidiana. Por outro lado, um film com uma Continuidade, mostrando a chegada dos convidados, o offerecimento de uma boneca, um presente, o grupo de convidados ao redor da mesa, a boneca nos braços da sua nova "mamãe" tudo isso é mais significativo e muito mais interessante. Para aperfeiçoar a Continuidade dos vossos films, é necessario, ás vezes, revêr a ordem das scenas depois que estas foram apanhadas. E' preciso que **todos** os "shots" sejam perfeitos e mereçam ser guardados. Por essas e outras razões, a **Edição Cinematographica** é um factor importante para manter o interesse do film.

A definição do termo "close-up" é conhecida de todo o mundo, porém a sua importancia não é assim tão apreciada. Muitas vezes encontramos "shots" que mostram o corpo inteiro de uma pessoa, quando é apenas a sua physionomia que desejariamos apreciar. Supponhamos que precisamos de illustrar a impaciencia de uma pessoa. Não seria muito mais eloquente o detalhe de uns dedos tamborilando sobre o braço da poltrona, do que a mais clara das expressões faciaes que demonstrassem impaciencia? As linhas a seguir demonstram a utilidade dos "close-ups".

Os Angulos de Camera representam outro ponto importantae para o amador. Por exemplo, desejamos filmar a expressão de espanto de um bébé quando nota uma physionomia extranha. Não seria melhor apanhar primeiro um "close-up" desse expressão, e depois filmar a face do extranho com a camara inclinada para cima, ao nivel dos olhos do bébé?

Cinema de Amadores

(de Sergio Barretto Filho)

Os films mais fascinantes são justamente aquelles que mostram incidentes quotidianos, coisas que acontecem ao redor de casa, desde que sejam filmados de um modo interessante. Se estamos de accordo que os films nossos, pessoaes, mais interessantes serão justamente aquelles que, nos apresentam como nós somos na vida real, e não de um modo irreal, teremos que dar a este livro um modesto porém seguro valor.

Tenham em conta esses tres "items": a Continuidade, os "Close-ups", e os Angulos de Camera, e os seus films augmentarão 100% no proprio valor.

Alguns conselhos antes de começar

As varias scenas a seguir são classificadas como "close-ups", "semi-close-ups", "medium-shots" ou "long-shots". E' pela variação adequada de scenas apanhadas de diversas distancias que o equilibrio do film é mantido.

Antes de definirmos esses termos, falemos de novo sobre a importancia dos "close-ups". Elles representam os signaes de pontuação do Cinema, fazendo parar a attenção do publico, durante intervallos periodicos, e chamando-a assim para os factos capitaes da historia.

Falando em geral, os "medium" e "long-shots" servem para apresentar o scenario, e as outras distancias menores servem para se chamar attenção ou interesse sobre qualquer ponto **dentro do scenario.**

Na pratica, podemos considerar o "close-up" como um quadro em que se vêem apenas a cabeça e os hombros da pessoa ou pessoas que estão sendo photographadas, ou ainda em que se notam apenas objectos particulares de dimensões reduzidas. Um "semi-close-up" inclue tres-quartos do corpo de uma pessoa, ou, ainda, um objecto de dimensões reduzidas, com algumas das coisas que o cercam. O "medium-shot" mostra o corpo inteiro de uma pessoa, póde incluir um grupo, ou uma bôa porção de um "set". Os "long-shots" comprehendem tudo quanto se encontra desde os limites do "medium-shot" até o infinito. Os "long-shots de uma casa são tomados de perto, justamente para poderem incluir um pouco dos arredores, tendo a casa como factor predominante na photographia. Pelas mesmas razões, o "long-shot" de uma porta exterior não deve incluir toda a casa.

E assim devem ser comprehendidas as variadas distancias a que deve ser collocada a camara.

Agora, um outro ponto importante. Essas continuidades suggeridas a seguir encerram acções rapidas que podem ser accommodadas perfeitamente em um rolo de 50 pés de film; acontece, porém, que podem dar perfeitamente um film de 100 pés. Devemos, no emtanto, lembrar-nos de que, emquanto nós podemos estar perfeitamente familiarisados com a acção dos nossos films, as nossas audiencias precisam de scenas bem detalhadas, de titulos bem explicativos, para poderem seguir a nossa historia. Fazer um film interessante é como escrever uma boa historia: temos que construir as nossas scenas e os nossos typos sem pressa, sem falhas, e com interesse bastante. E' preciso lembrar tambem que nos films profissionaes o climax de uma historia não é attingido senão depois de uma boa hora de projecção. Vê-se, portanto, que a historia não deve correr.

Para uma scena commum, 10 ou 12 segundos de exposição é o bastante. Isso dará uns quatro pés de film approximadamente. Poucas scenas necessitarão de maior metragem, e grande parte dellas pedirão até menos, como por exemplo os dedos tamborilando no braço da cadeira, "close-up" ao qual nos referimos atraz.

Ao photographarmos objectos em movimento, como automoveis e trens, devemos ficar bem afastados do objecto, a um angulo agudo, **nunca** a angulos rectos.

Quando precisarmos de um panorama, façamos a camera girar, apanhando o panorama, **porem muito devagar.**

Ao photographarmos objectos approximados, ao nivel do peito, é sempre de bom aviso usarmos o visor de reflexão. Notaremos que os assumptos, nelle, se movem ao contrario, isto é, apparecem nelle, movendo-se da esquerda para a direita, por exemplo, quando na realidade se deslocam da esquerda para a direita. Para evitar as confusões, precisamos pois desprezar toda visão, a não ser aquella que se distingue atravez do visor.

O visor directo é, porém, o melhor meio de seguirmos o desenvolvimento da maioria das scenas.

Na photographia de "still" ou simplesmente photographia, ainda persiste a idéa de que as melhores provas são obtidas com o assumpto de frente para o sol. No Cinema, a regra é conservar o sol approximadamente na linha dos hombros do operador, á direita ou á esquerda.

Qualquer scena exterior, descripta nas continuidades a seguir, poderá ser tomada com film Kodacolor e com qualquer Cine-Kodak que esteja equipada com uma lente F. 1,9. Mas os films Kodacolor só devem ser tomados em dias de sol, sem nuvens de especie alguma.

Até que possamos ver as possibilidade dos interiores ,ainda não tivemos tudo quanto poderiamos obter com a nossa camara. As pessoas parecem mais naturaes, mais á vontade, nos interiores do que nos exteriores. E a nossa casa é sempre rica em opportunidades cinematicas, que não devemos desprezar.

Com uma Cine-Kodak equipada com uma lente F. 1,9 os interiores podem ser tomados perto de qualquer janella,num dia de sol; e ainda melhor se fôr no portico da casa. O sol deve entrar a flux pelas janellas e cahir directamente sobre o assumpto. O uso de um rebatedor é sempre um auxilio para os interiores. Qualquer material branco, como uma folha de cartolina, por exemplo, servirá para desviar a luz sobre as partes menos illuminadas do assumpto.

Para augmentar o contraste dos interiores, é, porém, sempre necessaria a illuminação artificial. Para o Cine-Kodak que está equipado com a lente F. 1,9 é bastante um Kodalite. Para os Cine-Kodaks F. 3,5 são precisos dois.

Talvez o melhor meio de se comprehender o valor dos titulos nos films é analysando a quantidade enorme de films titulos que temos visto, salvo os **talkies,** por certo. Os titulos poderiam ser feitos com pouquissima despeza. E nós não teriamos espaço aqui para descrever as possibilidades de cada methodo e systema.

(Continua).

Minha vida

(Conclusão do numero anterior)

Gostei immenso de figurar ao lado de Constance Bennett, além disso. Mas detestei aquelle film. Que cousa terrivel!!! No film seguinte, entretanto, fui compensado. **The Doorway to Hell,** que fiz para a Warner, era notavel, para mim, porque eu representava um ladrão de cara de criança. Apreciei immenso o meu papel e agradeci-o a quem mo deu. Trabalhavamos diariamente e, nas ultimas semanas, emendámos os dias com a noite, sempre trabalhando. Agora é que eu comprehendia o **porque** de certos individuos que desanimam de continuar na carreira...

Lembro-me de uma das scenas do final do film, quando eu pensava em me suicidar, sublimemente angustiado. Não sei como a fiz. Sei que tinha essa vontade e por isso mesmo é que a fiz bem...

(Termina no fim do numero)

T. T.

Esta é Thelma Todd

O seu sorriso precisa ter mais publicidade, THELMA.

CAPITOLIO

A NOIVA 66 — (The Lottery Bride) — Film da United Artists — Producção de 1930.

Nãc é o mais formidavel film de Jeanette Mac Donald e nem, tampouco, um dos melhores films falados de ultimamente. Entretanto, apesar de muitos numeros de canto e o seu todo de opereta, *A Noiva 66* é um film agradavel, divertido, sentimental, em certos trechos e diversão boa.

Jeanette Mac Donald, sempre linda, fascinante, mesmo, cantando cada vez melhor e representando muito bem. Ha algum *hokum* nas situações finaes do film, se bem que a cuidada direcção de Paul L. Stein as aliviasse de qualquer tonalidade extremamente forçada.

John Garrick é um galã soffrivel e não compromette o film. Elle (o film), entretanto, é todo de Jeanette.

Joe E. Brown e Harry Gribbon fornecem comedia da superior, auxiliados por ZaSu Pitts. Carroll Nye é mais uma vez o irmão mais moço da heroina que, fraco, rouba para jogar.

Argumento extrahido da opereta de Herbert Stothart com adaptação de Horace Jackson. O film foi produzido por Arthur Hammerstein e devia ter apresentado Dorothy Dalton, sua esposa, neste papel creado por Jeanette Mac Donald. Afastadas as possibilidades de Dorothy figurar no mesmo, Lois Moran foi chamada para interpretal-o e, já iniciados os trabalhos, novamente houve uma modificação e ahi então é que Jeanette entrou para o elenco.

Podem assistir que vale a pena.

Cotação: — 6 pontos.

GLORIA

DESPERTAR DA VIDA — (The Grand Parade) — Film da Pathé — Producção de 1930 — (Programma Matarazzo).

Historia passada entre menestreis. A principio parece vulgar e desinteressante. Depois nota-se que é um film acceitavel, sob qualquer aspecto e muito curioso. Helen Twelvetress, com seu trabalho, eleva o film acima do vulgar. Ella tem, diante de si, um dos mais admiraveis futuros que o Cinema já apontou á alguma artista. Fred Scott, seu companheiro, tem boa voz, innegavelmente e não representa de todo mal. E', dos artistas que o falado trouxe ao Cinema, um dos mais acceitaveis. Fred Newmeyer produziu uma direcção esplendida, em certos trechos, particularmente naquelles em que figura Helen e, em outros, vulgar. A supervisão coube a Edmund Goulding, productor do film, tambem. O film é dialogado em hespanhol pelo mesmo processo *dubbing* que já vimos applicado a *Rio Rita*, igualmente em hespanhol, pela primeira vez e, em seguida, a *Noivado de Ambição*, falado em brasileiro. Não agradou.

Cotação: — 6 pontos.

LADRÃO IRRESISTIVEL — (Monsieur Le Fox) — Film da M. G. M. — Producção de 1930.

Hal Roach, o productor de comedias, o estupendo patrão de Stan Laurel, Oliver Hardy e Charlie Chase. O teimoso productor das comedias *Our Gang* e Max Davidson, resolveu, num dia de excellente humor, dirigir um film, tambem. Lembrou-se que já havia dirigido o celebre cavallo Rex, na Pathé e que o film fôra elogiado pela critica.

Procurou uma historia que lhe conviesse. As revistas fizeram alarde: "Hal Roach vae dirigir!!!". Todos esperaram a noticia sensacional. E a escolha foi feita: "Monsieur le Fox", uma historia passada no Canadá, com neves, policia montada, aventuras e trenós.

Prompto!!! Finalmente, ao publico admirador do Cinema, seria exhibido um film sobre a policia montada do Canadá, como jamais alguem apresentou, até hoje. E elle, num requinte de humorismo genuinamente caprichoso, resolveu fazer o film em cinco versões: ingleza, hespanhola, franceza, italiana e allemã...

O film foi feito, nas suas cinco versões e exhibido na versão original em Hollywood. As outras sahiram em busca de aventuras maiores do que as dos protagonistas, mundo afóra. E as criticas de Hollywood foram mais geladas do que a neve toda que apparece no film...

Até a nós, pobres infelizes, chegou a versão hespanhola (era fatal!!!). Vimol-a. Ainda estamos doentes... pelo effeito que nos causaram as magnificas gargalhadas que não conseguimos reprimir durante a exhibição do *drama*...

A historia é mais do que vulgar. House Peters, Frank Mayo, Harry Carey, mais uma centena delles, para não citar Big Boy Williams, Kenneth Harlan e outros, já fizeram cousas melhores nesse genero. Ha o sujeito bandido que afinal é heroe e mais innocente que a pallida heroina. Ha o villão, desta vez um tenaz policia da tal montada... Ha a heroina, candida e pura como um lyrio. E neve, neve e mais neve. Varios trenós. Uma avalanche gozadissima e uma emoção pretenciosa que, afinal, nada mais é do que motivo para gargalhadas as mais sonoras.

O film é cacetissimo para quem o quizer levar a sério. Pelo lado comico torna-se agradavel e é uma comedia acceitavel, tanto mais que qualquer versão hespanhola tem este predicado...

A tela em revista

Gilbert Roland, mal dirigido, está até ridiculo. Rosita Ballesteros é antipathica e não receberá uma só carta de *fan*, a menos que desista de Cinema... Outros hespanhoes apparecem e cada qual peor. Não sabem nem siquer vestir aquella farda com elegancia...

Houve um trecho em que o disco soffreu um desencontro e, depois delle, o publico despertou para rir melhor.

Para commentar Hal Roach estamos incertos. Se elle fez este film a sério, é o peor director do mundo. Se fez como ironia e como comedia, é o mais curioso delles e um que a M. G. M., deve aproveitar para novas aventuras em cinco versões.

Palavra, se houvesse uma nova "temporada" internacional no Imperio, suggeririamos as cinco versões desta comedia "irresistivel" para uma semana de cartaz.

Temos amor á vida: não podemos recommendar este film.

Cotação: — 3 pontos.

O ANJO AZUL — (Der Blaue Engel) — Film da Ufa — Producção de 1929. (Programma Urania).

Josef Von Sternberg, o formidavel director de *Paixão e Sangue, Docas de New York* e *Super Homem*, entre outros trabalhos, foi dar o seu passeio de férias á Allemanha e, por contracto, tinha direito a dirigir um film europeu, para quem entendesse. Contractou-o a Ufa e elle, com Emil Jannings para interpretar o principal papel, escolheu a historia de Henrich Man que entregou á adaptação de Robert Liebmann que, antes de mais nada, não é, absolutamente, nenhum Jules ou Charles Furthman.

Feito isto, Sternberg e Jannings, juntos, concordaram que Marlene Dietrich seria um *tiro* no primeiro papel feminino e, sem maior reflexão, contractaram-na. Iniciou-se o film. Exhibiu-se o film: successo!!! As criticas européas, todas, favoraveis. A versão ingleza do mesmo, rapida, alcançou os Estados Unidos. Comprou-a a Paramount que, ardilosa, a guardou nos seus cofres. Feito isto, esperou Von Sternberg que, sob contracto, trazia comsigo a referida Marlene Dietrich que, com publicidade avançada, já se fazia esperada, num film americano, como "segunda Greta Garbo" e a "verdadeira seducção do Cinema". Continuou a Paramount retendo *O Anjo Azul* nos Estados Unidos. Von Sternberg metteu mãos á obra e entrou com o seu *Morocco* em filmagem. Exhibiu-se o film: successo!!! As criticas americanas, deslumbradas, disseram que era o maior film falado que já haviam visto e Marlene Dietrich deu um salto para o topo da constellação Paramount, atirando, á sua passagem, todas as demais *estrellas* ao sólo. Foi o film para a Europa. Exhibiu-se o mesmo: successo!!!

Ahi então a Paramount abriu os cofres e lançou *O Anjo Azul*.

As criticas dividiram-se. Umas acharam fraco, o film. Outras, esplendido. Marlene Dietrich, successo, sempre, foi citada como optima, "mas muito melhor em *Morocco*, seu verdadeiro film!". Era justamente o que queria a argucia yankee...

E aqui está a versão allemã, original, portanto, exhibida diante de nós. Exhibida em Dezembro em S. Paulo, apenas agora nos é dada apreciar. Commentemol-a.

———o———

Como qualquer outro trabalho de Sternberg, tem rythmo. Accentuado, longo, arrastado, ennervante, prodigioso, em certos trechos. Como qualquer outro trabalho de Sternberg, tem uma sombra immensa de tragedia escondida no menor detalhe, no mais insignificante symbolo. Como qualquer outro trabalho de Sternberg é controladissimo e muito bem representado. Mas só falta uma cousa: mais photogenia, mais "aquelle *que*" que só mesmo os americanos têm e que os allemães, ainda que consigam Sternberg para ajudar, jamais conseguirão para seus films.

A historia gira em torno da vida do professor Immanuel Rath, conceituado e bom, atirada á lama pela paixão que lhe desperta uma dansarina de *cabaret*, vulgar e *sordido*. A vida deste homem cahe miseravelmente. Até á loucura, até á morte. E' isto.

Marlene Dietrich é Lola, a bailarina. Ella é que o arrasta, depois que o conhece. Emil Jannings é o professor Immanuel Rath, que letreiros chistosos do Programma Urania quizeram gentilmente transformar no "professor B. Ferraz"...

A tragedia começa quando elle canta como gallo, no dia do seu casamento, á cada ovo que o prestidigitador finge tirar do seu nariz. E acaba quando elle, como gallo, canta e entra em estado de furia, procurando assassinar a esposa adultera, procurando arrasar tudo quanto encontra diante de si. Depois é a camisa de força. Depois é a grande calma, a grande prostração... Abre-se uma porta. Desatam-se as fivellas da camisa. Vem a phrase amiga, brutalmente dita pelo empresario de coração empedernido. E elle sahe. Vae procurar a morte em cima da sua banca de mestre. Afasta-se a machina. Apagam-se as luzes. Sombras. O fim.

E' este o film.

E' fundamentalmente defeituoso, com todas as aggravantes, sendo até má a gravação.

Cotação: — 8 pontos.

Um sorriso de "Ganga Bruta..."

(Conclusão do numero passado)

Cinema silencioso... Não era decorado, era espontaneo. Não era estudado, era natural... Que pena!

Aconchegou-se mais ás almofadas que a roedavam. Deixava-se acariciar, amorosa, pela luz verde que coava do **abat jour**.

— Sei que o Cinema do Brasil vae falar. Tenho pena! E' tão bom fazer films silenciosos... Eu não sou artista. Sei que tenho varios defeitos, tenho, tambem, uma extraordinaria força de vontade, um immenso querer. **Tormenta**, meu primeiro film e que cheguei a pensar que fosse o ultimo, foi um grande esforço, em que todos collaboraram com o mesmo grau de enthusiasmo e de dedicação. Fui dirigida por Arthur Serra e acho-o talentoso e capaz de fazer films melhores. Um trabalho inicial sempre é falho. Hygino Bonfioli operou o trabalho. Não posso julgar a sua competencia, porque desconheço technica. Impressão má, todavia, tenho certeza que sua photographia não dá. Alvaro Santelmo foi meu companheiro, galã do film. Optimo camarada e artista esforçado. De resto, bom. As scenas dramaticas que vivi, apreciei-as, porque são do genero que aprecio interpretar. O meu papel, entretanto, não me satisfez: muito simples e muito despido do sentimentalismo que sonho interpretar.

Tornou a correr com o pensamento pelo passado e voltou com mais idéas bonitas:

— Prefiro papeis dramaticos. São mais do meu temperamento. Para assistir tambem prefiro-os assim. Não me divirto com uma comedia. Divirto-me com uma tragedia, talvez...

Mergulhou seus olhos na vida. Ficou alguns segundos scismarenta, mais pensativa do que a agua parada de uma lagoa azul. Proseguiu, depois...

— Sempre quiz fazer um film, sempre! Desde moçinha, desde garota, mesmo. Rod La Rocque, lembro-me, era meu typo predilecto. Ainda o é, embora appareça tão pouco, ultimamente. Greta Garbo, a fascinação maior que o Cinema já teve. Elles eram os mestres que eu sonhava seguir, um dia, quando ingressasse para o Cinema. Hoje, dentro do Cinema do Brasil e cheia de esperanças, conto com estrellas de immenso valor. Lelita Rosa, a que mais admiro. Ernani Augusto é o rapaz que mais aprecio no nosso Cinema. Elle e Celso Montenegro, admiro-os. "Labios sem Beijos" foi o film Brasileiro que mais apreciei. Achei-o quasi perfeito. Apenas um pouco tenue na historia.

Era tarde. Naturalmente importunavamos. Ella não o diria, com certeza, mas competia-nos comprehender. Já quando nos preparavamos para deixar o seu elegantissimo appartamento, disse-nos ella, sempre curiosa e sempre differente.

— Sabe que a **Cinédia** contractou-me?

Não nos admiramos. Era justo. Filicitamol-a e á Cinédia, isto sim.

— Figurarei, de hoje para diante, em varias das suas producções. Meu primeiro trabalho será em **Ganga Bruta**. E' a novidade mais gostosa que tenho a dar-lhe...

Poz uma reticencia maldosa no fim da phrase. De facto, nada haviamos perguntado dos seus planos futuros. Era justo que ella nos dissesse, embora terminando com maldade...

A' sahida, um livro chamou-nos a attenção. Emquanto esperavamos pela sua mãozinha, para nos despedirmos, abrimol-o a esmo. Um trecho, falava dos homens. Dizia perfidias a respeito dos mesmos, maldades em forma de literatura curiosa.

— Acredita no que diz o autor?

— Não. Acho-o exagerado. Deve ter perdido a amante nas mãos de outro homem... E' por isso que sophisma.

— E o que pensa dos homens, se possa calhar aqui esta pergunta?...

— Não valem absolutamente nada, mas... as mulheres não passam sem elles...

— Se duvida dos homens, duvida do amor...

— Não duvido. Sei que elle existe. Sei... Mas é como aquelles contos que a gente ouvia, em criança, e até hoje leva-se a esperar que se façam realidades...

— A vida, sem amor, sem romance, é boa?

— A vida é sempre boa. Nós é que não somos bons...

— Tem amisades? Quaes são as que prefere: dos homens ou das mulheres?

— Os homens são optimos amigos quando desinteressados e nobres. Sei que estes são raros, mas aqui não falamos de exepções, é logico. Mas as mulheres são normalmente falsas. Sempre rivaes, sempre pouquissimo sinceras...

E elogio do seu proprio sexo impressionou-nos. Tudo corria em perfeita harmonia. Antes que começasse pelos paradoxos, resolvemos deixal-a.

Seus olhos têm romance. Seus labios negam.

Seus labios têm amor. E negam-no, tambem.

Por que?

O Cinema do Brasil é que vae contar isto, direitinho, aos olhos avidos e sinceros dos **fans**.

Jean

(Conclusão do numero passado)

Não pude entrevistal-a! Foi impossivel! Sómente uma mulher, terá o necessario sangue frio, para manter-se em estabilidade, indifferente a estas anormalidades. Um homem, por mais calmo que seja, forçosamente ficará titubeiando, immerso na fecundidade de sua imaginação. Demais sua voz será cavernosa, e a custo arrancada lá do fundo do estomago.

No final, o resultado será um punhado de palavras sem nexo, difficil de coordenação.

E foi justamente, o que se deu commigo.

Falamos... "Hell's Angels"... Ambição... Amor... Films falados... Hollywood... California... Casamentos... Emoções... e quanta cousa consegui falar com intermitencia, vencendo a luta em que se debatia meu espirito exaltado. E até hoje, ainda não pude fazer continuidade em nossa conversa sobresaltada...

Por coincidencia, o film que Jean está fazendo para a Universal, tem para Lew Ayres, um titulo suggestivo. "The Iron Man". E' preciso, mesmo, ser um homem de ferro, para supportar tanto calor, e sahir incolumme.

Longe de seus terriveis effeitos, quedo-me pensativo, imaginando a possibilidade de que do inverno, venham mulheres como Jean Harlow!

Não quero, com isto, dizer que todas as mulheres venham do inferno. Minha sogra não pensa da mesma forma... Mas, possivelmente, as mulheres de apparencia perigosa, não podem, nem devem ter outra procedencia.

Para fortalecer minha theoria, ellas são peccados tão sublimes, que o proprio diabo não póde supportal-as. Razão porque, são jogadas ao mundo e de preferencia cahem em Hollywood, afim de desnortear a acção dos homens pacificos e respeitadores da lei...

Ahi está em que ficou, minha entrevista com Jean Harlow, o vulcão de sensualismo...

A historia da minha vida

(Continuação)

ganhasse um bom ordenado, tanto mais depressa eu me faria esposo de Gertrude, a minha adorada Gertrude. Estive apto a ganhar 15 dollars por semana, num contracto theatral e como Gertrude contava com 10 que sua familia lhe daria, semanalmente, tambem, contariamos com 25 para manter o nosso sonhado e projectado paraiso.

O unico ser que eu levava em consideração, nessa epocha, era pae Fox, o velho professor da escola da Santa Clara. Elle costumava rir-se dos meus planos amorosos, mas, quando falavamos dos meus planos theatraes, nunca elle os contrariava. Achava, mesmo, que eu devia seguir os impulsos do meu coração e se esta era a carreira que eu estimava, que a seguisse, era conselho seu.

Escrevi uma carta apresentando-me a Fred J. Butler, empresario do popular Alcanzar Theater de San Francisco e, depois deixando Gertrude cheia de esperanças, entrei com passo firme pelas minhas primeiras tentativas theatraes.

A companhia que era itinerante, ensaiava, quando lá cheguei. Vi, apezar da pouca luz, Evelyn Vaughn, Bert Lytell, Bert Wesner e Richard Bennett que ensaiavam, uns, decoravam seus papeis, outros. Fanatico pelo theatro e seus artistas, reconheci-os logo e fiquei deveras emocionado com a presença dos mesmos tão proximo a mim. Comecei a sentir-me mal, entretanto e teria sahido, naquelle momento, se Bert Lytell não se houvesse compadecido de mim e não me tivesse perguntado o que desejava. Disse-lhe alguma nervosa cousa sobre a minha vontade de falar a Mr. Butler e elle, ouvindo-me, gentilmente fez-me companhia até á porta do escriptorio do empresario. Nunca me esqueci disso e nunca me esquecerei. Bert Lytell, aliás, sempre foi um principe fóra e dentro, da arte!

Butler, que, naquelle tempo, era empresario e director artistico, leu a carta, apreciou minhas ambições. Acabou dando-me mais tolerancia do que eu imaginava que me desse. Perguntou-me elle se tinha a certeza de que estava escolhendo, realmente, a carreira que me convinha e, depois, advertiu-me longamente sobre os aborrecimentos que eu iria ter como artista. Quando lhe disse, entretanto, que soffrer, pela arte que eu amava, era ser feliz, para mim, achou elle que me devia dar immediatamente um pequeno trabalho comsigo.

Não pensei que isso fosse assim. Não tive mais descanço e não tinha mais tempo de me encontrar com Gertrude. Pedi licença a Butler para retardar de uma semana a minha estréa e quando elle me disse que eu podia, sim, porque o romance e a mocidade eram cousas que todos deviam respeitar, pensei que estivesse fazendo ironia commigo. Fui, desanimado e certo de que havia perdido a minha primeira grande opportunidade. Quando a semana se passou e eu e Gertrude mais nos amavamos, ainda, voltei, embora medroso e cheio de apprehensões. Butler, entretanto, estava mais camarada do que nunca. Elle não havia feito ironia, não e tinha dito a pura verdade. Eu ainda não conhecia a bondade do coração daquelle homem. Fiquei seu sincero admirador e amigo.

O primeiro papel, no palco do Alcazar, foi de uma linha de dialogo. Nunca fui **extra**. Isto é: jamais entrei e sahi de scena sem dizer qualquer cousa que fosse. Sempre tinha algum dialogo ou uma ou outra phrase para recitar.

A minha estréa foi um desastre. Eu era para ficar escondido atraz de uns arbustos e fiquei apparecendo em scena. Era para apparecer com barbas e appareci sem ellas. Era para falar e gaguejei sem dizer nada. Estraguei uma scena dramatica entre Bert Lytell e Evelyn Vaughn: fil-a comica... Depois, quando me avistei com Butler, encontrei-o pallido e mais emocionado do que Napoleão, depois de Waterloo...

Quando entrei para meu camarim, tinha a intima convicção de que fora a ultima apparição de Edmund Lowe em publico. Não me despediu o bondoso Butler, entretanto. Seis noites depois, recebi meu envelope com meu pagamento. Abri-o apenas em companhia de Gertrude. Quando ella viu os magros 7 dollars e meio que pingaram delle, sentiu um profundo abalo nas suas manias matrimoniaes e... eu tambem. Voltei para o theatro.

Tres semanas depois reiniciei meu contracto com o Alcazar. David Butler, hoje conhecido director, filho de Fred Butler, o amigalhaço que não me despedira, mesmo depois dequelle pavoroso desastre, veiu trabalhar comnosco. Dave e eu tinhamos o mesmo camarim. Tornamo-nos amigos intimos.

A companhia á qual pertenciamos tinha um elenco muito variado e, de New York, diariamente, chegavam artistas de nomeada para representarem nas nossas peças. Eu e Dave continuavamos fazendo pequeninos papeis. Charles Ruggles, Bert Lytell, Laurette Taylor, Will Walling e Louis Bennisson constantemente chegavam e sahiam. Nós, nas peças, geralmente tinhamos papeis de velhos e, ás vezes, mesmo, chegavamos a fazer papeis de velhos usurarios de Wall Street...

Nesse tempo, lembro-me perfeitamente, nós nos divertiamos a grande. Acho San Francisco uma das cidades mais formidaveis do mundo e da America! Tem uma neblina que segere mysterio e, pela bahia, as sereias que avisam os navios contra os nevoeiros, dão-lhe um aspecto caracteristico estupendo. Dave e eu, sempre amicissimos, continuavamos representando.

Costumavamos frequentar uma espelunca, a **White Horse Tavern**, onde bebiamos vinho do bom e diziamos versos dos peores, ás nossas divas de occasião.

Tinhamos que fornecer nossas vestimentas, para as peças que representavamos e, assim, procuravamos o mais barateiro dos fornecedores, um judeu que se chamava Lois Skoll. Elle pedia 4 dollars semanaes pelo uso de suas roupas e, assim, nós iamos levando a vida como podiamos.

Durante meus dias de mocidade no Alcazar, encontrei e cortejei uma pequena que, mais tarde, seria minha esposa. Achamos, logo que nos conhecemos, que qualquer cousa de muito fraternal nos unia ao lado do nosso grande amor e, assim, melhor sabiamos apreciar o romance das nossas existencias. Sua familia, entretanto, achava que Esther não devia ser a esposa de um artista. Foram tão contrarios ao casamento, que, afinal deu na tragedia, mesmo: casamo-nos!

Sendo ella, como é, uma das mais encantadoras e educadas creaturas que já conheci e sendo, o seu casamento, motivo de extremo pesar para sua familia, demorarei nesse episodio da minha vida o menos tempo possivel... Basta que diga que, na verdade pouco eramos feitos um para o outro. Achamos isto, depois de certo tempo unidos e, afinal, chegamos á conclusão que ha mais tempo deviamos ter tomado: separarmo-nos.

Como galã, no Alcazar, representei nas seguintes peças: **Pierre of the Plains, The Deep Purple, Alias Jimmie Valentine, Broadway Jones, The Girl in Waiting, The Seven Sisters, The Gamblers, The Witching Hour** e **Damaged Goods.**

Com **Damaged Goods** é que iniciei minha viagem circular de arte que terminou no Cinema, em Hollywood. Essa sensacional peça dramatica é que me levou a Los Angeles, para, representar no famoso Burbank Theater, o orgulho da cidade, naquelle tempo e uma casa de espectaculos de variedades.

Quando inaugurou-se o novo Morosco Theater, em Los Angeles, eu figurei em **Seven Keys to Baldpate**, ficando ainda contractado para figurar em **He Comes Up Smiling, Inside the Lines** e **Outcast**. Esta ultima peça, mais tarde, transformada em fita, fil-a eu ao lado de Corinne Griffith, igualmente. Os films, em Hollywood, por este tempo, iam de vento em pôpa. Meu interesse, entretanto, era Broadway. Chegou essa opportunidade com uma corrida de nove semanas com Maude Fulton, figurando na sua peça de maior successo, **The Brat.** Depois de muitos papeis infelizes, pela pouca sorte dos meus papeis, decidiram que eu devia

(Termina no fim do numero)

Robert Montgomery e Greta Garbo em "Inspiration"

Marian Marsh e John Barrymore (qual!) em "Svengali"

Pergunte-me outra...

DURVAL DE SOUZA BRANCO — (Rio) — Nós só damos respostas pelo questionario, amigo Durval e não é possivel precisar o dia certo da publicação das mesmas. Aqui, por exemplo, os endereços que pede: — 1° — Janet Gaynor, Fox Studios, 1401 n° Western Avenue, Hollywood, California; 2° — Charles Farrell, idem; 3° — Vilma Banky, não está mais no Cinema; 4° — John Gilbert, M. G. M. Studios, Culver City, California: 5 Ramon Novarro, idem. A *Cinédia* é a rua Abilio, 26, São Christovão.

MAURY MOURA — (Nictheroy-E. do Rio) — Sciente. Continue sempre esperançado que ha de conseguir o que tanto almeja.

BABY — (Porto Alegre-R. G. do Sul) — Ora, meu bem, então você gosta de se queixar só pelo prazer de ser consolada? Ellas responderão, sim. Se já não o fizeram, Baby, é porque tudo acha-se num periodo de organização e trabalho intenso e isto é que tem atrazado. Mas, calma, que receberá. Já está annunciado ahi em Porto Alegre, não está? Ernani Augusto, *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio. Volte logo, Baby.

PAULO A. DA S. — (Rio) — Tem toda razão. As grandes campanhas custam, mas a victoria sorri, afinal. Se todos pensassem como você, taes iniciativas abortariam.

JANNINGS — (Santos-E. S. Paulo) — De nada, Jannings. "Volte quando quizer", sim. E porque não? Aqui suas respostas: — 1° — Questões particulares que a ambos não serviu para um ponto só de partida. Tanto a Paramount quanto Eisenstein não concordaram com pontos de vista e o seu primeiro film ficou por fazer. As demais fabricas nem siquer quizeram olhar uma possibilidade de contracto com elle. Talvez motivos de ordem politica. Tem valor, embora não comprehenda Cinema na total extensão da palavra. Mas não deixa de ser um cerebro. 2° — E' novo, sim. O seu primeiro grande film, foi *Sem Novidade no Front* (All Quiet on the Western Front), para a Universal. Antes fazia *bits* na Pathé, ao lado de Eddie Quillan e James Gleason. 3° — *Mulher*... será lançada até Junho, provavelmente.

RUGER — (Bello Horizonte-E. de Minas) — 1° — Vae offerecer-lhe o caixão, quando morrer? Francamente, uns 1,70, mais ou menos. 2° — Coitado do John Gilbert... Mas porque é que lhe quer saber a altura?... 1,80, talvez... 3° — Porque elles não mandam photographias se a que se fez, ha tempos, foi já enorme e demorada. 4° — Não tenho autorização para informar.

SUBMARINO — (Ribeirão Preto-E. S. Paulo) — Billie Dove é divorciada de Irwin Willat. Está para se casar com Howard Hughes, productor da United Artists e celebre confeccionador de *Anjos do Inferno*, o film que levou mais de 3 annos para ser concluido. O seu primeiro film para a United será sob a direcção de Frank Lloyd, já emprestado da First para este fim. Por que? Ora, porque ninguem faz publicidade delle e a Columbia, mais do que nenhuma outra interessada nisso, muito menos, ainda. Pergunta se não faz muita publicidade: nenhuma, devia dizer. São mais dignos, porque o material que delles temos é vasto e o da fabrica que cita, nullo.

SUE ROLLINS — (Recife-Pernambuco) — Não tem razão para se queixar, Sue. Se tivessemos, já haveriamos publicado. E. que tanto a fabrica do seu querido quanto elle proprio, são extremamente relaxados quanto a publicidade e por isso nada de novo ha para publicação. Assim que tivermos, sahirão, com certeza. O ultimo film em que elle tomou parte, foi *The Big Trail*, ao lado de John Wayne e Marguerite Churchill. Por que não lhe escreve uma cartinha?

FRANCISCO FIGUEIREDO — (Diamantina-E. Minas) — Elle se chama Augusto Cunha. Constance Talmadge não mais está no Cinema.

GILBERTO NORMANDO — (Guaratinguetá-E. São Paulo — Admirar-me, por que? Só me dá prazer, chamando-me assim. Você é Gilberto, mesmo?... Olhe que conheço sua letrinha... Não entendi: "seria capaz de offendel-o porque sou bastante egoista?" "nem pesames nunca dei...". O que quer isto dizer? Diga-me, sim? Suas respostas: — 1° — Elle chama-se Antonio Gambauva Carneiro. 2° — Disse-me que não. 3° — Não fui, não. 4° — Trará, brevemente e justamente como você pede. 5° — Acompanhe os que seguem e verá que sua vontade será mais do que satisfeita. Admira-me, entretanto, que um Gilberto tanto se interesse por galãs... Já vê, menina, que eu conheço sua letra... Acha que esta está curta? Escreva-me sempre, sim e só me dará prazer com isso.

MELINDROSA — (Guaratinguetá-E. São Paulo) — Você usa papeis de carta tão bonitos, tão perfumados... E a sua letra! Prefiro o traço desta, sabe?... Pois deve escrever, sim e com isto só me alegrará. Mas já falou com elles a esse respeito? São tão intransigentes assim? Sei o que elle representa e sinto que isto assim seja. Mas quem sabe, não? Assim que elle tirar novas, publicaremos. Já lhe falei diversas vezes a seu respeito... Pois é isto mesmo que eu ia dizer á você: venha, sim! Conhecerá todas as novidades e pessoalmente aquelle que tanto admira. Gonzaga agradece a sua delicada lembrança.

DECIO ENEDY — (Porto Alegre-E. R. G. do Sul) — Escreva-lhe aos cuidados desta redacção, rua da Quitanda, 7.

BESÁLI — (Florianopolis-E. S. Catharina) — 1: — Certamente. 2° — E' paulista, sim. E' pseudonymo. Uns 26, mais ou menos. 3° — Respectivamente: Jane, em *Celebridade* e Rita em *Leis do Coração*. 4° — E' solteira. Uns 38, se tanto. Para a M. G. M. 5° — Mack Sennett Studios, Studio City, Hollywood, California.

NICOLAU LIMA SCARMATO — (Collina-E. São Paulo) — Meu amigo: *Na revolta de 5 de Julho, Fantasmas da Meia Noite* e *Vaidade de Mulher*, as collaborações que diz ter enviado, foram para CINEARTE?... Eu, aqui, só trato dos assumptos de films e como não conheço os desses nomes, principalmente o primeiro, sou forçado a lhe dizer que não é commigo o assumpto. Escreva para a gerencia, rua da Quitanda, 7.

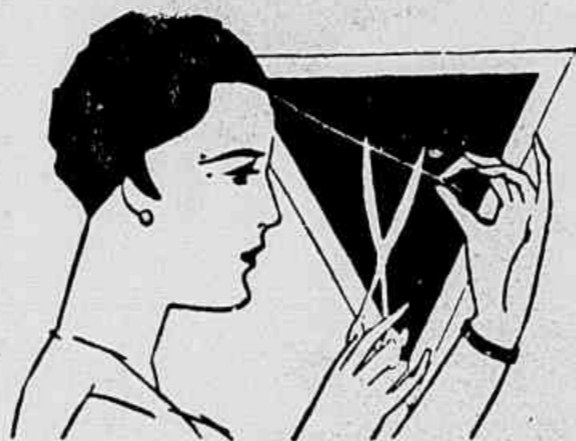
M. LUDOVICO — (Pelotas-E. R. G. do Sul) — Não recebi, realmente. Mas talvez fosse melhor enviar outra.

Gente que não diz "Yes..."

(F I M)

O mais famoso entre artista -directores é Charlie Chaplin, o popular e conhecidissimo Carlito. Elle, além disso, é dos mais famosos no — man de Hollywood. Levou dois annos fazendo **City Lights**. E' um amante do detalhe e faz tudo com absoluta calma e completo socego. Não se apressa. Depois que termina um film, vae descançar, longamente, para, em seguida, pensar noutro e começar outro.

Erich Von Stroheim é outro exemp'o de artista-director. Se elle apparece, representando, ninguem o esquece. Se elle só dirige, ninguem deixa de saber que é elle o director. Se dirige e interpreta, á um só tempo, vence em ambos os terrenos, sem discussões. A sua reputação, entretanto, tem o seu forte nas constantes contradicções que elle move aos productores. Negase a acceitar rotinas de Studio e faz tudo o que entende. E' um dos mais phenomenaes individuos do Cinema e uma das suas mais representativas e importantes, tambem.

Os films falados é que impediram Douglas Fairbanks de dirigir e interpretar. Elle ia entrar por esse genero a dentro, mas os films falados, technica toda nova, impediram-no nesse seu desejo. Depois de **Reaching for the Moon**, emtretanto, talvez elle se resolva a voltar á antiga idéa.

Richard Dix é outro artista que está absolutamente propenso a dirigir. Depois de **Cimarron** elle resolveu isso.

Big Brother ainda será dirigido por Fred Niblo. Depois deste film, entretanto, é bem provavel que elle dirija seus proprios films. E' outro que conhece o seu **mettier**.

John Gilbert já foi director, isto ha muitos annos, quando ainda nem siquer sonhava em ser a grande figura da tela que é. Já foi scenarista, igualmente e é um dos raros que pode arcar com ambas as personalidades porque tem, acima de tudo, profundo conhecimento da materia, cousa que nem todos têm.

Existem tres artistas que têm uma enorme voz activa em todos os seus films. São elles: — John Barrymore, Richard Barthelmess e Buster Keaton. Têm temperamentos directoriaes, innegavelmente e já deram disso provas, principalmente Buster. Lionel, irmão de John, já dirigiu varios films.

Eil-os. Acham que são melhores do que os outros, por causa disso?

A Historia da minha vida

(FIM)

ter o meu verdadeiro papel ao lado de Miss Foulton. Douglas Mac Lean, **juvenile** da nossa companhia, não foi para New York. Ficou em Hollywood e iniciou a sua brilhante carreira Cinematographica.

— Broadway! Mecca de todos os artistas! **The Brat** não deixou de ser um grande successo e, de norte a sul, todos souberam que o rapaz de San José tinha, afinal, conseguido uma das suas grandes opportunidades.

Lewis Stone era um dos artistas do elenco de **The Brat** e eu sentia-me nervoso só em pensar que um tão excellente artista figurava no mesmo elenco que eu. A principio achei que Stone poderia considerar-me intruso. Afinal, eu era um sulino que vinha tentar victoria no theatro principal da America do Norte, o theatro que se faz na Broadway. Mas vi, em pouco tempo, que elle era um dos melhores amigos. Digo isto, porque no dia da estréa, quando eu tremia, emocionado, foi elle que me acalmou e me deu alento e coragem para representar perfeitamente bem o meu papel.

Eu devia entrar rindo, rindo muito, dos bastidores para a scena. Todos os dias eu ensaiava direitinho e, nesse dia, pouco antes de entrar, sentia qualquer cousa que me impedia de rir, de fazer aquillo que eu tão bem sabia fazer. Nervoso, eu já contava com o meu fracasso medonho. Atraz de mim, entretanto, alguem chegou. Era Lewis Stone. Elle poz sua mão sobre meu hombro e, como se aquella noite nada mais fosse do que uma noite commum de ensaio, disse algumas piadas realmente engraçadas. Eu me ri, naturalmente e entrei, sem o esperar, rindo de verdade para a scena. Agradeço até hoje este expediente estupendo do meu grande amigo Lewis Stone.

Esta foi uma das melhores amisades que dahi para diante cultivei. Elle é que me guiou para o Lambs Club e foi lá mesmo que encontrei figuras das mais fascinantes e curiosas dos palcos new-yorkinos.

Depois da estréa de **The Brat**, eu passei a adorar New York. O espectaculo proseguiu, triumphante, anno afóra, sob direcção de Oliver Morosco e o meu salario atingira a esplendida somma de 125 dollars semanaes. Depois do encerramento da temporada dessa peça, Adolphe Clauber, marido de Jane Cowl, contratou-me, como agente da fabrica Cinematographica Goldwyn, para figurar ao lado de Jane em alguns films. Antes disso, entretanto, representamos em Los Angeles e, até a representação de **The Spreagind Dawn**, conseguia eu 250 dorlars por semana. Mais tarde, sob contracto com Irene Castle, conseguia eu os 400 dollars semanaes que ha tanto ambicionava.

Depois disso, a peça **The Brat**, com Maude Fultin, seguiu a sua carreira pelo resto do Paiz. Eu, apesar de varias offertas de New York, resolvi seguir com a companhia de Fulton e isto fazia parte do meu amor á viagem, á aventura. Esta peça teve uma das mais compridas e estaveis temporadas em New York e, ainda, em todos os outros pontos do Paiz sufficientemente adiantados para receberem uma peça tal. Terminamos a temporada representando em Los Angeles.

Thomas Ince, então productor para a Paramount, offereceu-me trabalho para figurar ao lado de Dorothy Dalton em **Vive la France**! Acceitei a offerta. Elle, muito attencioso e distincto, offereceu-me um valioso contracto artistico para cinco annos, com sua empresa e lá eu tornei a encontrar o meu bom amigo Douglas Mac Lean, novamente. Era elle, então um dos artistas mais famosos de Ince e um dos mais bem pagos, igualmente. "E' este o negocio!". Disse-me elle. "Negocio que vae tirar toda a fama da qual goza o theatro, amigo..." Continuou dizendo. E, com certeza, qua quer cégo poderia ver, ganhava-se muito mais dinheiro com Cinema do que com theatro. Por qualquer razão que hoje não sei explicar, declinei da offerta de Ince e voltei a New York.

Ao passo que figurava na peça **The Walk Offs**, tinha o habito de assistir as **matinées** do **Follies**. Os nossos horarios eram outros e, assim, podia eu ir facilmente áquelle espectaculo que tanto apreciava.

Naquelle anno, então, as **girls** do **Follies** de Ziegfield eram Marion Davies, Peggy Hopkins, Dolores, Ivonne Shelton, Dorothy Leets e Vera Maxwell, êntre outras... Consultando o programma descobri aquella que mais me tinha interesstdo. Chama-se Lilyan Tashman.

O meu primeiro olhar sobre ella, electrizou-me. Achei-a superior a todas as outras. Não me posso esquecer daquelle numero em que ella, Dolores e Vera Maxwell caminhavam pelo palco em vestimentas de effeitos chinezes. Acheia-a formidavel! Nem siquer posso reproduzir a sensação que ella me causou.

(Continúa no proximo numero)

O poblema da alimentação

De todos os problemas relacionados com o desenvolvimento do corpo humano e a conservação da saude, o da alimentação é o que afferece maior interesse e importancia, pois da boa ou má qualidade das substancias de que se nutre o nosso organismo depende o perfeito funccionamento dos principaes orgãos e a robustez physica de cada um de nós.

Especialmente na alimentação das creanças torna-se necessario um cuidado constante na selecção dos generos de consumo que devem ser ministrados diariamente, tendo em conta a delicadeza do systema digestivo nos primeiros annos de existencia e a necessidade de assimilação nesse periodo de crescimento.

A sciencia progrediu consideravelmente em suas pesquisas sobre os melhores processos de alimentação encontrando no reino vegetal productos magnificos que fornecem tudo quanto o homem precisa para sua nutrição e o minimo de materias desnecessarias. Os especialistas no assumpto procuram os melhores meios de manter o corpo sem obrigal-o a uma funcção prejudicial e sem expol-o aos perigos de digestões laboriosas susceptiveis de degenerar em affecções gastricas ou intestinaes. Foram felizes em suas experiencias e conseguiram o objectivo almejado, fabricando especialidades alimenticias que facilmente se impuzeram no mundo pelas suas excepcionaes qualidades.

Entre esses productos destaca-se a Aveia Quaker, actualmente adoptada na alimentação familiar e nos hospitaes, escolas, estabelecimentos militares e navaes de muitos paizes com resultados maravilhosos.

Recentemente fez-se uma interessante experiencia com a Aveia Quaker na Escola "Minas Geraes" do Rio de Janeiro: 50 creanças desse estabelecimento de ensino, tomaram o poderoso alimento durante 30 dias **com excellente resultado**, segundo attesta a directora da Escola, Sra. Ernestina Werneck Pereira, no seguinte documento:

"Attesto que foi ministrado durante trinta dias a 50 alumnos desta escola, desde 10 de novembro até 10 de dezembro de 1930, o regime alimentar de Aveia Quaker, aliás com excellente resultado, conforme prova o augmento de peso das creanças que ao mesmo foram submettidas, constatado pela enfermeira escolar de accordo e que aqui inclúo. A directora, Ernestina Werneck Pereira Districto Federal, 16 de dezembro de 1930".

ATLANTIC

(F I M)

"S. O. S. Navio "Atlantic" abalroado iceberg perigo pede soccorro urgente 41°50' latitude 50°40' longitude oeste".

Os da tripulação continuam em sua faina, batendo ás portas das cabines. Uma destas se entre-abre, e um delles se approxima e entra:

— Para cima, com salva-vidas.

E, como a passageira se fique a olhal-o, espantada, pergunta:

— Não sabe onde está o seu salva-vida?

Sem esperar resposta entra, passa-se para o compartimento vizinho e se dirige para o pequeno armario aberto na parede. Logo nota dois pés, de homem que a cortina, em baixo, não esconde. Abre essas cortinas, toma de cima da prateleira dois salva-vidas e entrega um delles ao rapaz que, apanhado em flagrante olhava para elle estupidamente:

— Este é seu.

Encaminha-se para a linda passageira:

— Queira vestil-o, minha senhora.

Ia retirar-se, quando parou a olhal-a. Ella abaixou os olhos á espera de uma recriminação.

— Queira tomar agazalhos, visto como faz muito frio lá fóra...

Monica, que tambem se sentira despertada pelo chamado, vendo-se só no leito, visto como Lawrence se fôra ao smoking room em procura de explicação para o que se passa, tambem correu para lá. Ha no seu rosto formoso todo o terror que uma situação que ella não sabe bem explicar qual seja:

— Estão a mandar todos para cima, com salva-vidas! — exclama.

Foi nesse momento que surgiu ali o tenente Lanchester. Vinha dizer que se acalmassem, que não havia perigo.

Era apenas um exercicio. O commandante gostava de proceder assim, de vez em quando, mas queria que todos obedecessem. E todos se foram, ficando ali, com o joven official, apenas o reverendo Smith.

— Lanchester... Está a caçoar comnosco. Seja franco... O caso é sério? O navio soffre perigo com o abalroamento?

O official calou por momentos, para deixar escapar depois, vagamente:

— "Não é nada"

Mas o padre não se contenta com essa resposta.

— Precisa dizer-me, Lanchester. Eu tenho o direito de saber. Ha perigo?

A resposta estava na propria face do official.

— Quem sabe? — deixa elle escapar.

Nesse momento ouve-se o silvo agudo do foguete que corta os ares. Depois o clarão de um relampago, da explosão do petardo, o aviso que deveria ser visto de longe. Para o religioso não era preciso outra resposta.

— Que Deus se apiede de nós... — exclamou baixinho, deixando-se cahir em uma cadeira.

Lanchester deixou-o. Correu para o tombadilho já invadido pela massa de passageiros. Em vão officiaes e tripulantes pretendem infundir calma, na affirmação ainda de que se trata de simples exercicio de salvamento. Tudo exterioriza a verdade. O rouco apito, prolongando-se, emquanto o martelar dos sinos, e silvo das sereias e o estridor dos foguetes que guincham no ar, dizem toda a verdade, e aquella gente então, na ansia de se salvar, quer invadir os botes, cabendo á tripulação contel-os, permittindo apenas a entrada de mulheres e creanças.

Pointer levava o Sr. Rool em sua cadeira. A multidão apavorada não lhe permitte uma marcha célere, e antes innumeros são os encontrões que vão recebendo. O entrevado fel-o voltar para o smoking-room, ordenando-lhe deixal-o ali para ir em procura da Sra. Rool, afim de auxilial-a a vestir o seu salva vida. Apenas elle, naquella sala, quando entrou Lanchester.

— Procurava-o, Sr. Rool.

— Deixe-me que lhe diga, meu caro Sr. Lanchester, que vocês da tripulação me parecem muito tontos para um simples exercicio. Até me envergonho de vocês.

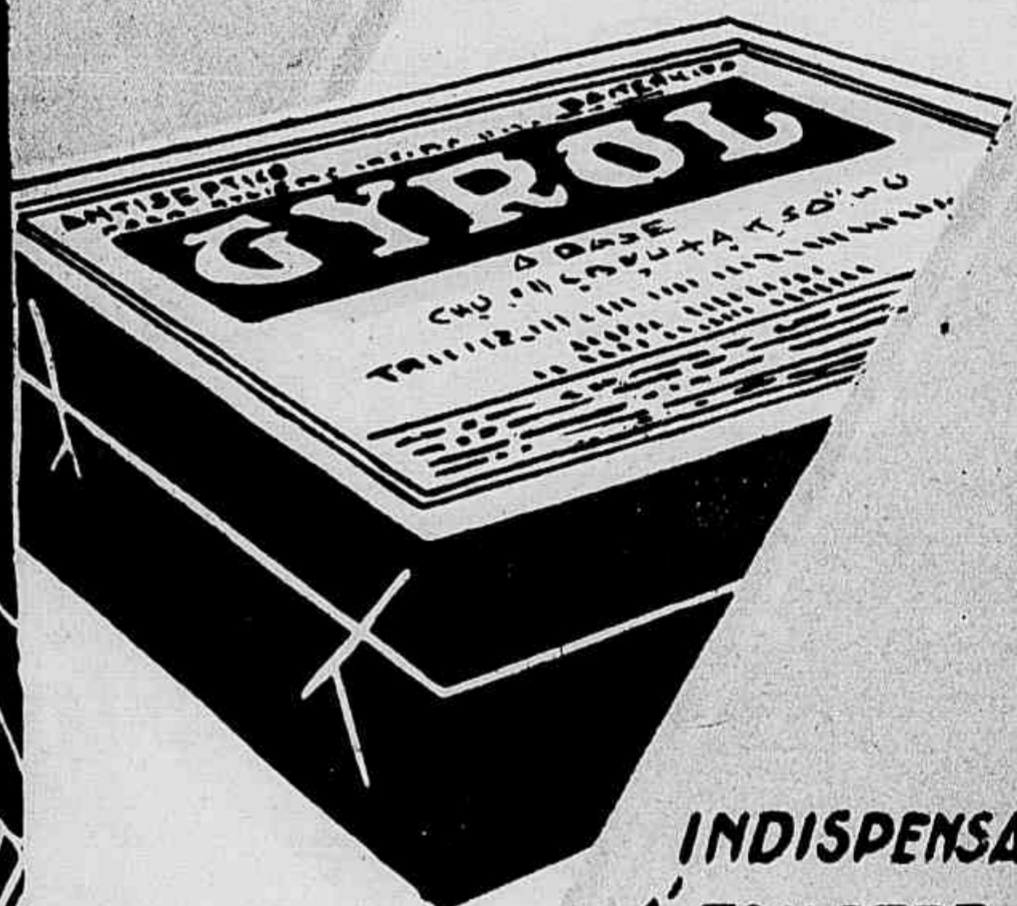
(Conclue no proximo numero)

Escravas de Hollywood

(F I M)

As companhias, de preferencia, não procuram ter negocios directamente com os artistas, porquanto, com os agentes, podem tratal-os mais á vontade. Bem por isso é que Monte Blue passou quasi um anno sem nada fazer, ultimamente, depois do seu rompimento com a Warner Bros. Isto, entretanto, vem do facto de sempre ter sido elle um artista nessas condições. Elle jamais quiz saber de agentes e sempre tratou seus negocios pessoalmente. A Columbia, quando quiz, recentemente, para **The Flood**, telephonou para sua casa e pediu-lhe que a procurasse. Fizeram negocio e elle figurou no film. Um motivo pelo qual Monte Blue jamais teve formidaveis salarios, foi esse. Elle, timido, em parte, não queria pedir o augmento e a companhia explorou-o, assim, o mais que lhe foi possivel. Quando os agentes intervéem, elles tratam directa e violentamente do caso, falando abertamente pelos artistas. O caso, entretanto, é que nem todos os agentes são honestos e dahi a roubalheira que quasi sempre Hollywood constata.

John Boles e Jean Hersholt são dois exemplos de artistas que soffreram com seus contractos e Constance Bennett, outro tanto. Nem sempre os ordenados de Hollywood são aquelles que dictam as cifras da publicidade. Principalmente quando o agente é usurario e ganancioso.

Dorothy Mackaill e Loretta Young, recentemente, quando terminaram seus contractos, tiveram a felicidade de renoval-os, com muita felicidade e, ainda, o de terem agentes honestos. E' uma felicidade que poucas estrellas conhecem. Rarissima, mesmo.

Joe E. Brown tambem sempre foi um felizardo, neste particular. Mas nada é para admirar quando o sujeito é Joe E. Brown...

Minha vida

(F I M)

Felizmente foram todos bons os commentarios para commigo. Depois, então, figurei em **Oriente e Occidente**, cousa ainda peor do que **Argilla Humana**. Era um papel átoa, sem vida, sem importancia alguma e daquelles que não pagam a pena de nenhum sacrificio para melhoral-o, cousa completamente inutil.

Agora, não sei o que vae acontecer. Têm muitas historias para mim. **Mississippi**, uma dellas e, a outra, **Fires of Youth**, versão de **Man, Woman & Sin** que John Gilbert fez, ha annos, em forma silenciosa, com Jeanne Eagels no papel que agora terá Genevieve Tobin, possivelmente.

Espero o proseguir do meu destino. Não tenho grandes ambições. Temo, apenas, acabar só figurando em máus films...

Dorothy Janis
cinearte

IPANEMA T.N.
611
a
melhor pasta
para dentes